

revista

Carbone

ANO IX - Nº 34 - 28 DE FEVEREIRO DE 2021 - VOLUME II
ISSN 2238-1414

SPINA
Novo estilo poético



Palavras aos leitores e às leitoras

A *Revista Barbante* necessitou publicar, novamente, duas edições neste mês de fevereiro, devido às muitas colaborações que recebemos de todas as partes do Brasil, o que só nos enche de felicidade e de vontade de, cada vez mais, continuarmos neste trabalho tão belo e ímpar de divulgar arte e a literatura no mundo inteiro. Não citaremos aqui todos os nomes que integram esta edição, justamente pelo grande número de participantes. Mas contamos com sua curiosidade e sua viagem por nossas páginas!

As editoras junto com o conselho editorial decidiram fazer a *Barbante* mensalmente com um número de páginas menor para deixá-la ainda mais bonita e de fácil leitura. Em breve, divulgaremos as novas normas para publicação.

Nesta edição, o fotógrafo potiguar Cícero Batista de Oliveira Júnior contribui com as suas fotografias sobre o carnaval de Natal, deixando a *Barbante* cheia de Pierrots e Colombinas nas suas páginas!

Deixamos a seção “Poemas” sozinha nesta edição para destacarmos este gênero literário tão amado pelos nossos colaboradores. Assim, muitos poetas, experientes e novatos, vieram deixar a *Barbante* mais bonita e com mais cheiro de pássaros em manhãs de verão. Vale a pena conferir cada poema, cada verso, cada estrofe feita com carinho pelos nossos poetas. Dentro da nossa seção “Poemas” trazemos o novo estilo poético intitulado “Spina”, criado pelo nosso querido poeta Ronnaldo de Andrade que muito contribui para divulgar a poesia brasileira.

Alertamos aos nossos leitores para os cuidados com a COVID-19 e pedimos que fiquem em casa e não façam aglomerações. Afinal, a vida vale mais que um dia na rua.

No mais, continuem com a *Barbante* em seus corações sempre!

As editoras.



Poemas

Martins/RN

A cultura e a gastronomia são as riquezas do seu povo.

Uma tigela de xerém ou um prato de angu.

No carnaval de Martins não pode faltar o papangu

Carne no prato, farinha na cuia é Sábado de aleluia

Os cultos, as novenas, as missas e as Santas Missões são demonstrações de devoção e fé.

As quadrilhas juninas, animam o povo dessa terra.

Oxente compade! É O SÃO JOÃO NA SERRA.

Serra de um povo alegre, trabalhador e hospitaleiro.

Quem não lembra das festas dos motoqueiros?

A temperatura agradável, o vinho gelado e o chocolate quente.

A gastronomia requintada é atração para muita gente.

Comidas e bebidas variadas. Desde a cachaça tradicional até um café de Portugal, chamado “bica”. Tem até uma receita goiana de um Arroz Puta Rica.

Que saudade do “Arroz no caldo da galinha” de Dona Marica.

As escolas são outra riqueza desse povo. Convivem em harmonia a música e a ciência. Dia 7 de Setembro é o desfile da independência. A mostra de talento e inteligência é nas feiras de ciências.

Olha pro céu meu amor. Veja como ela está lindo!

É a queima de fogos. Um novo ano está surgindo.

Até a próxima. A gente se encontra de novo!

Poeta Adailton

Adriano Augusto de Souza

Especialização em Direito Público pela Faculdade LEGALE (2020), Especialização em Direito Empresarial pela Faculdade LEGALE (2020),

Professor Assistente Especialista na Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva (FAIT/FAEF), Professor I no Centro Nacional Integrado de Cursos - CENAIC, foi Professor de Ensino Médio e Tecnológico (CEETPS). Perito Judicial em ações de caráter contábil e administração, que envolvem revisões e cálculos financeiros, societários, tributários, escriturações contábeis, reavaliações, fundo de comércio, demais cálculos e análises de natureza contábil, financeira e administrativa, com ampla experiência e docência nas áreas de Administração, Contabilidade Tributária e Fiscal, Produção, Controladoria, Gestão de Projetos, Matemática, Gestão do Conhecimento, Educação Especial, Matemática, Finanças Públicas, Orçamento Público e Gestão Pública. - Membro Voluntário do Grupo de Excelência em Administração Pública do Conselho Regional de Administração de São Paulo CRA/SP, que tem como objetivo estudar as novas tendências da Administração Pública frente às exigências de mudanças. - Membro Voluntário Ouvinte do Grupo de Gestão de Micro e Pequenas Empresas do Conselho Regional de Administração CRA/SP, que tem como objetivo estudar as Boas Práticas para os profissionais de Administração que atuam no segmento de Micro e Pequenas Empresas. - Membro Voluntário do Comitê de Jovens Administradores do Conselho Regional de Administração de São Paulo CRA/SP

FAIT – Faculdades de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

E-mail: adrianoas.pericias@gmail.com

Contato: 015 99713 2620

VOCÊ ME DEIXOU IR?

Só precisamos de luz quando não há mais, aparece a escuridão

Só sentimos falta do sol quando ele vai embora

Assim é quando só amamos alguém quando a deixamos ir

Só sabemos que estávamos bem quando na verdade estávamos sentindo se mal

Só odiamos a estrada quando a saudade aperta e nunca acaba.

E mesmo assim você me deixou ir

Estou aqui olhando para o fundo de um poço

Esperando que um dia o sonho e o amor que sentimos volte como um sonho é dure como

uma noite cheia de estrelas e que não se apaguem

Mas mesmo assim os meus sonhos vão e vem como uma balança de forma tão rápida que insisto em não aceitar

Assim eu sou quando a vejo

Talvez um dia amor você me ligue e me explique o porquê de tudo isso ocorre de forma tão intensa

De tudo o que eu toco certamente morrerá lentamente assim como eu estou

Olho para o teto do meu quarto todas as noites

O mesmo sentimento de vazio me atormenta e me faz sonhar, debater entre a presença das montanhas e saber porque ainda estou aqui

O amor vem em nossas vidas de forma devagar e quando chega vai embora muito depressa

Assim é a vida, assim é quando te vejo adormecer nos meus sonhos sem poder toca lá e nem mechas dos seus cachos que brilham com o vento.

Mas nunca pare de tocar e me fazer sonhar

Porque amamos muito

E estamos mergulhados profundamente demais

E mesmo assim você foi porquê?

Assim é a vida é o amor.

Adriano Augusto de Souza

ESCREVI SEU NOME

Escrevi o seu nome quando passei por uma pedra

Uma pedra tão grande assim como é o meu amor por você

Porque você torna as coisas tão difíceis e não permite aceitar certas verdades eternas

As iniciais do seu nome estão na pedra e a cada dia uma sigla do seu nome forma um novo brilho

Brilho este que é seu olhar, seu sorriso, as risadas que surgem no meio do que, as companhias, os encontros e os desencontros

Você além de tudo isso, e como o conjunto de pedras que completam a minha vida, assim como um rochedo, por isso te peço escrevi seu nome

Mas permite que as letras esculpidas sobre a pedra sejam o elo da vida nossa vida, visto que o álbum está incompleto e a você a única figura que me dá sentido de viver e tornar se completo.

Escrevi seu nome...

Adriano Augusto de Souza

SINTO A SUA FALTA!!!!

Sinto a sua falta em todos os cantos

Sinto a sua falta na troca de experiências

Sinto a sua falta na troca dos gostos

Sinto a sua falta na troca dos sorrisos e olhares

Sinto a sua falta nos momentos de tristeza

Sinto a sua falta nos momentos de dar a deus para tudo.

Sinto a sua falta nas novas descobertas

Sinto a sua falta nas fraquezas e na ansiedade de falar tudo

Sinto a sua falta na mensagem de animo

Sinto a sua falta na mensagem de liberdade

Sinto a sua falta na plenitude de viver intensamente.

Sinto a sua falta em todos os sentidos

Sinto a sua falta no simples toque de ouvir a sua voz

Sinto a sua falta, enfim até no fim de todas as palavras que não saem da minha boca.

Sinto a sua falta na sua inteireza do que você é, na sua beleza e naquilo que tudo gira em torno da sua essência.

Enfim, sinto a sua falta, são tantas faltas que são inúmeras que o coração transborda de tristeza um abismo.

No qual vai preencher e sem mais tarde vai se completar.

Sinto a sua falta, sinto você.

Adriano Augusto de Souza

Amor incondicional

Este sentimento arrebatador
Que fervilha louco em meu coração
Germinou singelo de um puro amor
Transformando-se na forte paixão.

Só um amor incondicional
Pode provocar tamanha proeza
Distinguir o certo do imoral
Sem nunca perder a sua pureza.

Mas como pode real sentimento,
Imensurável na sua amplitude,
Tantas vezes provocar sofrimento?

Basta-me teu consolo e teu alento
Para poder viver em plenitude
Imersa no amor do meu rebento.

Agostinha Monteiro

Vila Nova de Gaia- Portugal

PURO ABSINTO - indriso

Cheirava absinto

Volátil... Naquele recinto...

Licor febril

Infusão d'cores

Estímulos e loas

Desejos... Suspiros...

Sonhos que traduzem

Epítome d'amor!

Aila Brito

//

SABIÁ - rondel

Vi o sabiá cantar

Na florida laranjeira;

Belo canto a se espalhar

Pela tenra macieira,

Onde vi sua companheira

Lá também a chilrear.

Vi o sabiá cantar

Na florida laranjeira!

A parceira a saltitar
gorjeava a tarde inteira...
E o parceiro a conquistar
Sua musa bem faceira.
Vi o sabiá cantar!

Aila Brito

//

MÓRBIDO AMOR - indriso

Cúmplices de um amor em segredo,
Entre juras eternas doaram-se,
Fatídico dia de um degredo!

Nos olhos, a cena, se repetia...

No peito, a alma em masmorra,
Gemia a dor, d'um coração em pedaço
No corpo, sentia o estado modorra,

De um mórbido amor... Era sua agonia!

Aila Brito

Preciosas Lições de Autoestima

Esteja disposto a experimentar
Uma nova postura e outro olhar.
O que nos ensina a autoestima,
Essa perfeita companhia íntima?

A aceitar-nos do modo que somos,
Sem os defeitos que nos impomos,
Tendo por isso, sincera gratidão.
Que verdadeira e preciosa lição!

A perdoar-nos pelo que já passou,
Eliminando toda culpa que restou.
Observando melhor nosso presente,
Que é o que nos importa realmente.

A acreditarmos no nosso potencial,
Na inerente capacidade primordial
E competência plena de realização
A cada nova e desafiadora missão.

Acima de tudo, precisamos nos amar,
Aprender como nos cuidar e respeitar,
Prestando atenção ao nosso interior

E cuidando melhor do nosso exterior.

Aprender a ser sincero consigo mesmo,
É melhor do que viver semeando a esmo.
Você pode e merece ser pleno e feliz,
Abraçando ao que autoestima lhe diz!

Aline Bischoff

La autodestrucción es un acto de fe (acto 1)

Andrés Gómez

lo descubrí en el dos mil quince,
mientras vomitaba en el suelo
cinco litros de estrellas etílicas
en el golpeteo de la noche
todo acto de fe es montaje,
en el cielo la luna es una grieta
me gusta apagar los cigarros
en la grieta de la panza,
en la mitad del cielo estrellado
que miro todos los días
en el reflejo del televisor.

la destrucción automática del yo

observar el mal posicionamiento de mi columna vertebral,
ajustarme la sonrisa 35 grados al noreste
y notar el desbalanceo entre mi cabeza
 acaso una nube a punto de estallar
y las uñas de mis pies

cuando vomito me imagino

que soy un dragón

autosabotamiento medieval

incluso siento escamas en las piernas
y una comezón debajo de la axila.

La auto-destrucción es re-descubrimiento que es contra-dicción

lo descubrí a las tres de la madrugada
luego de escuchar aquella canción

los derrumbes también poseen nombre de recuerdo

pensé

la luna también vomitaba estrellas

yo cruzaba los dedos

y tensionaba la garganta

autoindeterminación del instante

el reflejo de la botella no era yo

solo un segundo disfrazado de existencia

definiendo la costura de mi no-cuerpo

en la fría piel de la botella

el reflejo del agua del inodoro sí era yo

o por lo menos mi rostro jadeante

agotado de arrojar fuego

pedazos de estómago chamuscado

recuerdos arrumbados en la artillería

autodefensa del yo lírico

La autodestrucción es un acto de fe (acto 2)

Toda la vida pensé

que sólo en las iglesias

el pan se convertía en carne

y en sangre se transmutaba el vino

hasta que llegó aquel día

-apenas recuerdo que fue

algún día del dos mil quince-

mi rostro cada vez más cercano

a su relieve naturalmente caótico

se miraba fijamente

a través de los prismas

que caían del cielo

una gota era mi ojo derecho
mas pequeño que el zurdo
en cierto momento nocturno de mi vida
en el que me sentí
todo menos mi propio reflejo
los días aquellos
mis manosapestaban a cigarro
-es cierto, mi perfil era
el de los poetas malditos de provincia
a lo Bob Dylan
melancólico rojillo sólo a veces
y poeta
sobretudo poeta
con una lira atravesada en el pecho-
ahí iba yo
con síntomas de anexo municipal
tenía la edad en la que la autodestrucción es un acto de fe
una apuesta al futuro demoníaco
esa inconsistencia en el reloj
la negritud del no sé cómo
pero sobreviví al

Andrés Gómez (Silao, Guanajuato, México, 1996): Editor de la revista *Graniuja*. Ha sido miembro del Fondo para las Letras Guanajuatenses en 2015, 2017 y 2020. Su obra ha sido publicada en las antologías *Círculos de agua* (Ediciones La Rana, 2018) y *Diez poetas de Guanajuato 1982-1996* (Punto de Partida, 2018); y en las revistas *Estrépito*, *Hermanas de Shakeaspeare*, *Monolito*, *El canto del ahuehuete*, *Polen UG*, *Favor de Interrumpir*, *Poetripiados* y *El ocaso de las letras*.

Mais um dia se aproxima¹

Mais um dia se aproxima.

O sol já raiando

e com ele os desafios e demandas

chegam com força total.

Às vezes, nos tiram o sono;

deixam-nos ansiosos...

Desmotivados...

Tristes, frustrados...

Não posso evitar que

ocasionalmente se sinta assim,

Porque o mundo que quem

amamos eventualmente pode

desmoronar....

Mas não posso permitir que seja

soterrada pelos escombros

e, se cair, me deixe está ao

e eu lado

Porque sei que nessas

horas

meu amor será bálsamo

para as desesperanças...

Me deixe ser para você

Algo do que é pra mim...

Embora eu não peça fotos,

Mensagens, registros, palavras...

¹ José Domingos Angelo Santos é graduado em Letras Português pela UFS e mestrando em Letras pela mesma universidade. De quando em quando rascunha pensamentos soltos, aos quais aqui e acolá possuem traços de poesia, escrevendo sobre temas que vão desde o ser ao vazio. E-mail: josevernaculo@gmail.com.

É importante que saiba que
amo recebê-las
e que são elas
que ajudam a suavizar a distância
e me trazer de volta o sorriso
quando o meu mundo começa desmoronar.
Mantenho vivas e frescas
As lembranças dos momentos que
passamos juntos em
nossa história recente
e, acredito,
que num meio passo
eventual poderei
estar onde mais quero: junto a você, em seu abraço,
me fazendo menos eu e mais nós...
Quero beijar-te...
Conectar-me a você,
um pouco de cada vez,
até que o nós seja
a totalidade de quem sou.
Não se preocupe com a distância...
Também não se ocupe com
pensamentos sobre quando
e até quando...
Apenas deixe nossas águas,
cada vez menos córregos,
seguirem seu rumo e
estaremos, no tempo devido,
caminhando e sorrindo

numa manhã qualquer
de inverno,
navegando em águas profundas
num oceano que pertence
apenas a nós.

E, quando duvidar do que sinto,
Lembre-se de validar em meus olhos a obviedade
dos batimentos do meu coração.

Delírios perdidos!

*Era uma tarde tão linda,
o por do sol estava tão belo,
sentados sob a sombra de uma árvore,
comemos maçãs...*

É um piquenique.

*Eles estão adiante,
à beira do pequeno lago,
olhando os patos
e as aves sobrevoando a
água límpida...*

*Daqui, vejo pequenos
lampejos prateados
na superfície da água...*

Acho que são os peixes...

*Você segura minha mão e
me olha de um jeito tão terno
e doce...*

*Sinto que cheguei num
lugar além,
muito além
de onde imaginaria poder estar...*

*A noite vai caindo,
as primeiras estrelas despontam
no céu...*

De repente, uma voz me chama...

*Abro os olhos e percebo o óbvio...:
era tudo um sonho.*

1 José Domingos Angelo Santos é graduado em Letras Português pela UFS e mestrando em Letras pela mesma universidade. De quando em quando rascunha pensamentos soltos, aos quais aqui e acolá possuem traços de poesia, escrevendo sobre temas que vão desde o ser ao vazio. E-mail: josevernaculo@gmail.com.

Vazios¹

Talvez tenha sido um pouco diferente...

Mas vou lhe deixar algumas coisas

nessas poucas palavras...

Você ainda não percebeu

E, se percebeu, não deve

ter entendido...

Porque se tivesse entendido

Estaria certamente aqui do meu lado.

Eu, que bebia aos borbotões,

hoje pareço querer se distanciar do copo.

Não é que o líquido tenha perdido

o odor ou o sabor...

Jamais.

A verdade é que

ultimamente tenho sentido

que não tenho mais o controle

desse outro lado,

dessa vontade sombria

que às vezes chega a ser tentadora...

Não sei quando será a caminhada

até o outro lado da ponte...

Então, valorizo os segundos

que posso...

Fazendo prolongar um

dos poucos momentos,

1 José Domingos Angelo Santos é graduado em Letras Português pela UFS e mestrando em Letras pela mesma universidade. De quando em quando rascunha pensamentos soltos, aos quais aqui e acolá possuem traços de poesia, escrevendo sobre temas que vão desde o ser ao vazio. E-mail: josevernaculo@gmail.com.

*fazendo algo que ainda
me dá algum prazer...
Porque, pelo que sei,
todas as manhãs, ao acordar,
penso que pode ser a última vez
Que verei a luz do sol...
Que sinto o cheiro do café...
E assim sobrevivo a mais um dia...
E, ao deitar, essa possibilidade
se torna mais uma quase certeza...
Meu olhar se perde no vazio...
Minhas palavras minguaram...
Meus cabelos caem...
O sono não é reparador...
Coisas que antes
chamariam minha atenção
Hoje ignoro completamente.
Eu era uma simples neblina
e hoje estou me apagando,
cada vez mais...
Você não percebe?
meu sorriso não é mais
o mesmo,
minhas palavras são escassa...
Falo cada dia menos
do turbilhão
que há muito fez morada em
Mim....
Meu peito dói...*

Sentir demais adoecer...

*Eu me afoguei no oceano
dos meus sentimentos,
permeados pela dor,
saudade e tristeza..*

Eu amei demais....

Mas amar demais adoecer...

*Olho pro relógio,
essa bomba ambulante em
meu pulso,
contando os segundos que faltam*

Para o meu fim...

Essa agonia de viver

Sem esperança...

Queria ir logo.

Eu vou, o tempo e você ficam.

Você me deixou, aos poucos,

E, em breve,

te deixarei para sempre.

ESTRO POÉTICO

Contemplo a vastidão do eterno
No meu hábito de versejar
E sigo este beneplácito
Sob auréolas ao luar.

Nestes momentos de sonhos
- Sob a luz do plenilúnio -
Resplandecem as realezas
No clarão da lua cheia.

Brilham palcos iluminados
Transbordantes de emoções
Alimentando minha alma
Em glamour de bela imagem.

Distante de holocaustos,
Meu pensamento se perde
Reinventando o meu estro
À guisa de laivos poéticos.

Suavizando afinidades líricas,
Encontro poetas e poetisas
Desfilando versos de amor
Na minha razão esculpida.

Antenor Rosalino

JÚBILO

Os sorrisos ditam palavras
Vindas das profundezas da alma.
A vida assim é celebrada
Resplandecente em noites áureas.

Em glamour festivo de imagens
Fulguram ribaltas nos mitos.
Mostrando artes em miragens
Avultam-se versos bonitos.

A alegria se desprende
Desatam-se as amarras soturnas.
O mundo se faz diferente
No sibilar das vozes unas.

Debruço minhas emoções
No aconchego de doces vinhas
Navego em mares de ilusões
E ancoro em portos que me aninham.

A alegria soberana
Circula o visceral poético
Trazendo o tom da paz que emana
No Universo em perfil quimérico.

Antenor Rosalino

PRIMAVERA

Principia a estação das flores
Com seu manto de fulgor..
Luminescência que afaga a alma
Nas delícias do alvor!

Chega assim, tão mansamente,
Trazendo a brisa ultraleve
Envolvendo espaços vácuos
Em rito com a natureza em festa.

Na amplidão bailam os pássaros.
Voam mais alto os albatrozes
Singrando a imensidão dos mares
Em acrobáticas magias velozes.

Não há tempestades nem procelas
Ameaçando as flores belas,
Somente bons ventos permeiam
A imensa crosta terrestre.

Passa a estação como um sonho e,
Num dia qualquer, de repente,
Um sopro tristonho desfaz os encantos
Murchando verbenas e o enredo das cores.

Antenor Rosalino

OUTRA

Conversando com o meu eu.
Descobri um fato,
uma dura realidade
cruel, banal
Outra apareceu
Para ocupar
Um coração poético,
livre, pensante.
De um avoante.
Se assim não o fosse,
aconteceria um encontro
com o mesmo carinho,
respeito mútuo
Que prevaleceria entre os amantes.
Mas, esse compromisso foi quebrado.
Quando um acordo
De fidelidade tácito
deixou de existir.
Agora ela segue na vida,
hora alegre, hora triste.
Por causa de um desentendimento
Da fraqueza humana.
Acordo. É um sonho?
Sim, um sonho.
Que sonho banal,
onde uma outra apareceu
e passou a ocupar
o coração poético
Do desejado avoante.
Que feliz sorrir.
Saudades? jamais.
Haverá de sentir,
neste efêmero viver.

Apresentação Oliveira

Reencontrar

Na manhã de tonalidades cinza,
O tempo parecia pedir licença,
Mas, as horas passavam lentamente,
Em um ritmo que pedia vivência.

Oh, bicho homem, esqueceu de mim?
Já não existe momento para me apreciar.
Nestas terras do cronológico apressado
Nunca se lembra de amar.

Hoje quero a calma e o apreço
De uma manhã para restaurar
Aquilo que no pretérito se perdeu,
Mas, que podemos reencontrar!

Plagas sertanejas

O vento suave e tranquilo
Me levava a repensar
A vida que transcorria
Em meio a escombros e entulhos

Já não existia tempo
Para sentar e descansar
Aquele dia, entretanto,
Me convidava a repensar.

Em meio a plantas e flores,
O vento me convidava a enamora-me
Naquelas plagas sertanejas a me encantar!

Mundo encantado

Encarcerado em seu mundo verde
Tentava observar, sem, contudo acertar.

O esforço era tamanho
Para o mundo desvendar.

Não mais podia enxergar
Pelo amor apertar!

Ariane de Medeiros Pereira

Sobre a autora:

Ariane de Medeiros Pereira – Mestra em História/UFRN. Professora do Colégio Diocesano Seridoense – CDS/Caicó/RN. Amante e observadora dos sertões do Seridó/RN.

Olhares [...]

Quantos olhares
perdidos
por não olhar
num olhar.

Quantos olhares
fingidos
olhar apenas
por olhar.

Quantos olhares
absoltos
olhando
num ponto morto,
pois não olha,
é só pensar.

Quantos olhares
ardentes,
disfarçados,
olhando e
tirando os olhos
desses corpo desejados.

Quantos olhares
aflitos,
na espera
de um olhar.

Quantos olhares
sofridos
com lágrimas
a derramar.

Quanto olhares
marejados
por ter que
ficar calado,
na vontade
de falar.

Quantos olhares
eu preciso dar,
para poder
entenderes
o que vai
no meu olhar.

Poucos olhares
são, os olhares
de aceitação.

Raros olhares são
daqueles olhos,

que partiu
um coração.

[Novos Olhares]

Quantos olhares
de desesperos
que mesmos estando a vê-los,
não podermos ajudar.
Quantos olhares
de espantos
uns felizes, um encanto.
Outros, espantos medonhos
uns tornam em sonhos,
outros pesadelos a tornar.
Quantos olhares
de pânicos,
situações de apuros
multidão a desesperar,
e estando também no meio
fica sempre o receio
de ajuda não chegar.
Quanto olhares
de inocência perdida
pois criança ainda em vida,
mas que vive para matar.
Quantos olhares
de ódios;
ódios, rancores, temores
só para exigir “amores”
ódio só pelo poder,
para matar ou morrer.
Quantos olhares
de atenção
nos perigos desta vida,
na vida que foi perdida,
no que mais não ganharão
atenção que ainda falta
nos olhos do coração.
É o olhar benevolente
para o outro, o diferente
que também é nosso irmão.

[Olhares Novos]

Quantos olhares

de loucura
pois se foram
as ternuras
que um olhar
propiciou.
Quantos olhares
derrotados
pois haviam
acreditado
no olhar
que triunfou.
Quantos olhares
de medo
por saber
que o segredo
em outros olhos
parou.
Quantos olhares
fatigados
por terem tanto
lutado
pelo olhar
que o desprezou.
Quanto olhares
de coragem
enfrentaram
seus algozes
não temeram,
sucumbiram
não calaram
sua vozes.
Quantos olhares
enganados
que ficaram
até cerrados
na verdade
que aflorou.
Quantos olhares
invejosos
o olhar de mesquinhez
por não ter capacidade
de fazer que outro fez.
Quantos olhares
inocentes
sem saber qual a razão
por ainda ser criança
e passar por privação.
Quantos olhares
subjugados
ficam olhando

para o chão
tentou, lutou perdeu
e não tem outra opção.
Quantos olhares
aliviados
ao cumprir uma missão
respira bem compassado
paz na alma e coração.

[Outros Olhares]

Quantos olhares
de vergonha
em tantas situações,
mesmo não sendo culpado
vir sofrer humilhações.
Quantos olhares
de sofrimentos
sem saber qual o momento,
de chegar a salvação.
Quantos olhares
de temores,
por certas fragilidades
e não ter outra opção,
crescem nossos opressores
a esmagar nossa ilusão.
Quantos olhares
de alegrias
finalmente chegam os dias,
que por tantos olhares passou
tudo teve seu momento,
acabou-se o tormento
a alegria triunfou.
Quantos olhares
de paz
que neste momento se faz
na esperança infinita
que aquelas visões malditas
não se vejam nunca mais.

Arnor milton

TRANSFORMAÇÃO

perambulante
vou seguindo
a trilha tortuosa
onde foram
sobrando
meus pedaços
dor dilacerante
crepusculou
os sonhos
agora vou buscar
uma aurora que me inteire
desenterrar
esperanças amordaçadas
sonhos que não
sonhei
versos que
abandonei
eis-me viva
sem sombras
sem passado
juntando-me
um quebra-cabeça
tão antigo
peças raras
encaixar no tempo
presente de Deus
entrar no momento
que se apresenta
gratuitamente
vestindo-me
de princesa
com os beijos teus

Beth Iacomini

tanto desalento...

no entanto

não se perde

o encanto

da poesia

verso santo

sons de amor

sacrossanto

joga-se o manto

azul, protetor

entretanto

é noite de pouco

canto

Beth Iacomini

deixo-te apaixonado...

na fronteira do dia
na pressa, hora calafria
quando vens me visitar
tento me esconder na coxia
nas dobras onduladas da cortina
sinto a umidade dos respingos
nuvens frias que se derretem
e caem como gotas de feitiço
não perco o meu viço
se, enfim, me encontras
perfumada de alfazema
me trazes linda gema
brilhante como o teu olhar
o toque de nossos dedos
estremece as estrelas
que adentram pela janela
em ternas pinturas de amor
já é noite escura
fulguram doces, calmas
salpicando os lençóis de prata
num cenário deslumbrante
aflorado de emoção
declamamos a paixão

Beth Iacomini

O AMOR...

A gramática define o amor
como um substantivo abstrato.

Mas na vida o amor,
no amplo sentido da palavra,
e em todas as formas de amar,
é um sentimento concreto
capaz de mudar o mundo...

Não existe meio amor,
ele é um sentimento pleno,
revelado em gestos pequenos
ou em gigantescos atos heroicos...

O amor é universal,
ele é um elo indivisível,
que perdura através dos séculos,
transcendendo as esferas milenares...

Não há dúvida que sem amor
a vida é um profundo vazio...
Sem amor o mundo seria o caos
e a humanidade se extinguiria...

BRYZZA

CAMINHOS OPOSTOS

A lucidez da alma
conduz os passos.
Uns vão para os abismos,
outros voam alto,
uns semeiam o amor,
outros destilam ódio,
o mal e o bem caminham
juntos, lado a lado.
Na montanha russa
do planeta terra,
fogos de artifícios,
armas de guerra,
lutas contra a morte,
crimes contra a vida,
o côncavo e o convexo,
a desgraça e a sorte...

BRYZZA

TODOS NASCEM PUROS...

Todos os seres humanos
nascem puros, inocentes
e no decorrer da vida
vão se transformando...

Muitos passam pela vida
e deixam pegadas de luz,
exemplos de muitas virtudes.

Deixam preciosos legados
jamais extintos pela humanidade.

Porém, outros passam
e deixam um rastro de sangue,
fatos e fotos de violência.

Um grito alucinante de revolta,
que perdura por todas as gerações.

BRYZZA

Amarela flor

Amarela flor
O que estais a sentir?
Que hoje não desabrochou?
E a sua roseira chorou?

Sou um simples beija-flor
E em meio a tantas flores
Senti falta de você
Imagina como ficou?
O raio de sol que te amou?

Amarela flor
Por causa da sua ausência
Todo o jardim se enlutou
Mas de repente... se alegrou
Quando você acordou!

Amarela flor
Que bom! Poder ver você voltar...

Maria de Fátima Alves de Carvalho

Poetisa da Caatinga
Natal - 2008

Meu barquinho de papel

Meu barquinho de papel
Vai mansinho rio a dentro
Desfilando orgulhoso
Querendo encontrar o mar

Meu barquinho de papel
Vai cheinho de palavras
Que dançam livres ao vento
Através de pensamentos

Meu barquinho de papel
Não tem pressa de chegar
E as palavras fazem festa
Esperando ver o mar

Maria de Fátima Alves de Carvalho

Poetisa da Caatinga
Natal, 05.07.2014

O bicho gato

O bicho gato é tão manhoso
Dorme quase o dia todo
Tem um jeito preguiçoso
Mas logo ao cair da noite
Ele de repente esperta
Para um longo labutar
E de telhado em telhado
Espera pegar um rato
Sua presa preferida
Que lhe dar muito apetite
No almoço ou no jantar
O bicho gato!
É por demais carinhoso
Se vê que dele gostamos
Vem na gente se aconchegar
Num passa, passa, em nossas pernas
Ou massageando com as patas
Quando pula em nosso colo
A querer nosso carinho
O bicho gato é livre no seu viver
Mas nunca abandona alguém
Que dele souber cuidar
Pois um gato também sente amor

Maria de Fátima Alves de Carvalho

Poetisa da Caatinga
Natal, 10.10.09

Singeleza

Queria um verso para chamar de meu,
Um instante sólido de felicidade,
Aquele que o meu coração prometeu,
Enquanto havia toda pura liberdade.

Queria um pôr do sol espetacular,
A magia que os astros realizam,
Num sussurro frenético me emocionar,
Onde a paz e a leveza se eternizam.

Queria uma vida inteira para sonhar,
Com a presença lúcida do amor,
Descobri que o que tenho a me pautar,
São sentimentos em pétalas de flor.

Carla Bezerra

Formação em Comunicação/ Relações Públicas/Recife-PE

Insinuações da Madrugada

Chamei para aquecer-me quando tremia,
Com um frio desacreditado e virtuoso,

E gelava-me pelas sensações que sentia,
Enquanto o álibi era serenar vaidoso.

Dentre as muitas ideias que passaram,
Naquela boca afobada da madrugada,
Algumas tão solúveis não contentaram,
Desdenharam do grito com luz apagada.

Por instantes o reflexo se fez silhueta,
Cabeça feita junto ao assoalho do vão,
Cadenciando versos de borda e faceta,
Debruçava-se cada rubra rima ao chão.

Naquele adorno construiu-se fantasias
Ali se escondia o que tanto se desejou
Fera genuína de garras e sem avarias
Doma de uma noite que a tara alastrou.

Carla Bezerra

Formação em Comunicação/ Relações Públicas/Recife-PE

Toque Íntimo para Libertar

Armazenei cada lágrima
Para desagua-las nas feridas

Que abertas ao longo da vida
Precisam assim ser curadas.

Rasguei minha veste quente
Para ventilar instintivamente
O corpo que tanto almeja ser
O delinear de um alvorecer.

Resultei do meu vero pecado
Para indagar em pensamento
E consciente num momento
Reverti-me em vão sagrado.

A pena que doeu fiz escrever
Releitura de mim até avessa
Tudo a limpo sem que esqueça
Hoje então sinto-me a merecer.

A chave mágica pus no buraco
Da fechadura que fecho e abro
Lições não se deve interromper
E existir pertence a quem crer.

Carla Bezerra

Formação em Comunicação/ Relações Públicas/Recife-PE

Dona minhoca

Carlos Vilarinho

Minhoca. Dona minhoca

Por que você se acoca

E fica escondida na toca

Minhoca. Dona minhoca

Minhoca. Dona minhoca

Rasteja feito a veia coroca

Cuidado com a galinha choca

Minhoca. Dona minhoca

Minhoca. Dona minhoca

Com trejeitos de dondoca

Não dispensa uma fofoca

Minhoca. Dona minhoca

Minhoca. Dona minhoca

Subiu no pé de mandioca

Se achando uma belezoca

Minhoca. Dona minhoca

Minhoca. Dona minhoca

Engasgou com uma pipoca

Salvou-se com uma bitoca

Minhoca. Dona minhoca

Minhoca. Dona minhoca

No inverno a dorminhoca

Ronca no fundo da biboca
Minhoca. Dona minhoca

Minhoca. Dona minhoca
No calor, lida e cavouca
Lá na sombra da maloca
Minhoca. Dona minhoca

Minhoca. Dona minhoca
Fura a terra feito broca
Fertiliza o terreno da oca
Minhoca. Dona minhoca

Minhoca. Dona minhoca
No rio não tem gaivota
Só um sabiá de fatiota
Minhoca. Dona minhoca

Minhoca. Dona minhoca
Segue só não sai da rota
Um dia alguém lhe nota
Minhoca. Dona minhoca

quatro poemas dispersos

carlos vilarinho

i.

quem desdenharia

das estrelas

neste deserto sem fim

o tamanho do céu

aguça os afetos

ii.

ana usava anáguas

andava sobre as águas

ana, alheia, cortou a veia cava

ela que amava

sonhava

e que variava

nem sempre perto

nem sempre certo

ali tão deserto

ana gostava do inverso

fiz-lhe um ou dois versos

mas ana já era um universo

iii.

para quem é

da mesma matéria das estrelas

vagar pela imensidão

não é uma contingência

iv.

Cata vento cata o tempo

Só não cata o meu amor

AMOR PURO... E PROFANO

Amor... puro
Inegável... amor
Amor... profano
Não, não deixa de ser, pois... amor
E por que não o seria... amor?
Apenas por causa do adjetivo que o ornaram?

Então, estaria o amor... dividido... fragmentado?
Ou melhor se diria, ser profano por aqueles que amar... não o podem?
(ou não se permitem, o que é se é mais óbvio!)

E destarte, em sua “pureza”
(ou melhor, em seu puritanismo)
Vede que não amam... e também impedem os “impuros” de amar
Quais fariseus do século a que o bem não então fazem
Visto que a «Lei» os impede
(oh, quão esfarrapada desculpa para não se fazer o que não se quer!)

Ah, não nos diz tudo a vida ser, com efeito, amor?
Seja a pureza da caridade que d’outro cuida
(uma vez que desinteressada o se faz)
Seja o afago nos seios que de suamada então recebe?
(ainda que sob os feitiços da volúpia)

Ah, malditas tradições do mundo
... a que encham de sombras a viagem
... em que a carente alma trafega!
Da luz do sol a que nest’instante se ofusca
E assim já não vê por não mais clara
Do viver a se vestir de mil austeridades e regras
A tornar-se impiedoso em seus ditames e mil «normas»
E desta forma, a impedir a tantos de amar
A que talvez, quem sabe por isso, o amar para tantos
... ser considerado “anormal”!

Amar... amar... amar!
E apenas amar
Ah, somente os ousados e valentes o sabem
E igualmente os rotulados profanos (se é que de fato os são)
Jamais os preconceituosos e medrosos

SÓ O QUE NÃO SE AMA É QUE NOS CANSA

E assim, a antiga melodia perde então o seu encanto
Seria pelo tanto que se tocou?
Ou seria por... «outra coisa»?
Qual sermão do enfadonho padre em suas vazias palavras
Ai, e como cansa... pelo tanto que se prolonga!
Quais escuras nuvens ante nossos olhos
Que também... não passam... e no firmamento ficam
Aos olhos que já não mais as querem ver...
Mas, por qu>então será?

Ah, serei agora mais breve
A que não falarei nada de extraordinário.. ou fantástico
Apenas o óbvio:
«Somente o que não se ama... é o que nos cansa»
Ou visto que não é, pois amado... eis porque nos cansa:
Coisas...
Situações...
Pessoas...

Contudo, nem tudo está perdido
Pelo que, se não houver mais amor
Pelo menos, pode haver... a tolerância!

Assim, se não podemos amar
O jeito então... é tolerar:
As coisas...
As situações...
As pessoas...

E não é o que mais na vida fazemos... durante todo o tempo?

Ao que destarte não é só o poeta um singular fingidor
Pelo que dizia o incrível Pessoa
Mas sim, todas as demais pessoas
A fingir para os outros o que somos ser amor
Quando, em verdade, apenas os suportamos
Em nome da falsa convivência
Tão marcada por impaciência... e por dor!

Cássio Palhares

MUNDO DE APARÊNCIAS

Estilosos e alinhados a que são
(ou que apenas aparentam... ser)
Quais finos gentlemen ou lindas ladies
Todavia, não são...
Somente... parecem
Ah, e como enganam a tantos!

E então, já se dizia há tempos:
«O hábito não faz o monge»
Ao que todos bem o sabem
Bem como nem a freira... nem o frade

E na verdade
Nenhuma veste faz então, o dito nobre... ou o singular safado

E deste modo
A farda não faz... o militar... o soldado
O jaleco não faz... o médico... o doutor
A batina e a estola não fazem... o padre
O terno não faz... o político... o pastor... o advogado
A varinha e os óculos não fazem... o docente... o professor
O trapo não faz... o humilde... o pobre
A toga não faz... o juiz... o promotor... o jurado

Do que igualmente
A barba não faz.. o profeta
As alianças não fazem... os casados
A batuta não faz... o maestro
A Bíblia não faz... o crente
As grades não fazem.. os reais encarcerados
A sensual lingerie não faz... a meretriz ou prostituta
E o pênis... ah, com certeza
Somente ele, por maior que o seja
Não faz... o verdadeiro e grande Homem

Cássio Palhares

Um pedido das palavras

Vocês gostam de nós, dessas letras que desfilam pelos seus olhos?

Se a resposta for sim, vamos lhe pedir um favor: quando vocês verem o que aqui estiver escrito, comentem, critiquem, elogiem, ou digam alguma coisa, qualquer coisa.

Sei que é mais prático curtir, mas isso é pouco para nós que pretendemos ser entendidas, nós, as palavras.

Chico

Legal

###

Ainda

Ainda que a estrada não tenha fim, seguirei em busca do tempo perdido, escondido de mim.

Ainda que, ausentes de mim, estejam todas as verdades, buscá-las-ei seja aonde for.

Ainda que passado e futuro não possam ser vividos, o presente está entre o que aconteceu e o que está por vir.

Chico

Legal

###

Silêncio obrigatório

O lápis virtual reclamava a minha ausência enquanto eu passava dias sem ter o que dizer, o que escrever.

Teimosamente, ele se jogou em minhas mãos e me fez prometer apontá-lo para que também pudesse ser usado por mim.

Como ele não tinha ponta, e eu, palavras, permanecemos calados sem saber o que fazer.

E nada fizemos.

Chico Legal

Soldado

O maior dos soldados

O mais desvolto

Não quer morrer!

Tirem de suas mãos a espada

E ainda sim vai sobreviver

Ó Deus

É o amor da amada que o faz viver.

Citediniammani

Pescadores

Qual será a apoteose do meu caminho?

Entre santos e alegres não me reconheço

E na perfeita linha do trem que me alinho

E no meu destino, a cigana diz que pereço

Pescadores famintos sem peixes para pescar

No rio, próximo ao esperado belo paraíso

Venderam este rio, Oh próximo da seca chegar

A fome não é rara, maltrata e adoece o juízo

Épocas e mais tempos no mundo eis a questão

Mas viver eternamente feliz, é hilário

A espada corta de ambos os lados em ação!

Deus misericordioso clemente da eternidade!

A culpa é sempre da injustiça, e do imperfeito salário

Também erro! perdão, perdão-mil vez mil piedade

Citediniammani

Direito

Dai-me o direito a ter direito a sombra
que não sou,

ao meu anti gosto predileto.

Dai-me o direito a mais
do oxigênio contaminado necessário.

Dai-me o direito de ser imperfeito,
de ser profundamente mediano

Nas decisões assertivas da vida
e nas mediocridades humanas.

Citediniammani

Regresso do Amor

Colly Holanda

Se te encontro fico alegre
Esqueço tudo que passou
Teu sorriso é alegria
Amor que contagia
Nem sei mesmo quem eu sou,
Me transporto do universo
Pra viver esse grande amor
Brilham todas as estrelas
Sonho lindo que voltou.

Só vejo você

Colly Holanda

Na vida acontece,
Coisas sem perceber
Você me aparece,
É o o sol que me aquece
É um novo viver
É amor, bem querer
Se realmente eu soubesse
Deixava acontecer
Esse sonho que mexe
Com todo o meu ser
Mas, sigo pensando,
Na vida vagando,

Nem eu, nem você
De novo me aqueço,
Me viro no avesso,
Só vejo... Você.

Bom mesmo é viver
Colly Holanda

A alegria do instante
Me fez reviver
Não sei se alguém sente
Este meu benquerer
E vivo cantante
Deixando aparente
Meu triste sofrer
Nada é para sempre
E mesmo presente
Dou adeus a você.

A gente se acostuma

A gente cedo se acostuma
com a tal falta do dinheiro
com o passar das horas e
com metade e com inteiro.

A gente cedo se acostuma
com o tempo que é ingrato
com desmandos e regalos
com o real e ou o abstrato.

A gente cedo se acostuma
com uma falta de carinho
com a vida em desalinhos
com silêncio e burburinho.

A gente cedo se acostuma
e se prende num contrato
deixamos de ser uma vida
e nos tornamos um retrato.

Daniel Bezerra

O sertanejo resistente

O sertanejo olha para o céu
Esperando chegar a chuva
Para plantar o seu alimento
Mas só sol chega no sertão

Os bichos vivem sofrendo e
Sua água está se acabando
O sertanejo implora a Deus
Pedindo chuva pra o sertão

As plantas perdem o verde
O povo perdeu a esperança
De poder salvar a plantação
Ver um dia mudar a situação

Mas o sertanejo não desiste
Resiste tal vida de judiação
Agarra com Deus e São José
Pedindo chuva pra o sertão

Daniel Bezerra

Minhas palavras

Falei na vida tantas palavras
Que falam do amor contido
Todas são de minhas lavras
Pra falar do coração partido

Palavras sobre a esperança
Que são de casos verídicos
Palavra de muita confiança
E fatos que são causídicos

Palavras de relatos felizes
Ou de saudades dolorosas
Que retratam dos deslizes
E maneiras esplendorosas

Mas vi as minhas palavras
Serem levadas pelo vento
Que secou minhas lavras
Mas mais palavra invento

Daniel Bezerra

MEGERA

Hoje eu sei que
que nada sei,
que nunca soube
de nada,
o que agora eu quero,
é por fim
nesta empreitada.

Você diz que num
me quer,
que eu pago muito
mico,
mas vou ti dizer
uma coisa.
nunca fui para teu bico.

Pode chorar se quiser,
choro num mata ninguém,
sempre diz que tô aquém,
mas sabe que estou além,
sozinha chora por mim,
eu cá, nunca chorei
por ninguém,
nós dois tamos mais
distantes,
de tudo que mora além.

Lembra lá daquele dia,
que fui lá te procura,
e se escondeu de mim,

pra modo de me machuca,
curei aquela ferida,
que me doeu pra daná,
com a reza da benzedeira,
e suco de maracujá.

Eu jurei naquele dia,
pela santa Madalena,
que num piscar de zóio,
de sumir de tal dilema,
eu ia me libertar,
dessa cachaça danada,
que é viver por você,
me corroendo por dentro,
tirar do meu pensamento
era minha obsessão.

Se não tirar vou beber,
essa vai ser minha sina,
vou virar maltrapilho,
por causa desta menina,
vou beber querosene,
cachaça de garrafão,
pra esquecer essa dor
que corta meu coração.

Acredite se quiser,
eu tenho o meu caminho,
onde eu passo quase sempre,
vento faz redemoinho,
varre todas minhas dores,
varreu essa dor também,

hoje sinto aliviado
da dor que causou meu bem.

Pulei cerca e pinguela,
pra fugir desta desgraça,
o sorriso que hoje tenho,
este olhar cheio de graça,
a leveza que hoje tenho,
é voo de borboleta,
voando sobre abismos
de rio em correnteza,
me liberei dessa megera
lhe afirmo com certeza.

Fui criado lá na roça,
como um bicho do mato,
o destino me lascou
me jogando na cidade,
perdi todo o vigor
de minha mocidade,
descobre que a paixão
é faca bem amolada,
sangra o peito e a alma,
numa única espetada,
deixa o corpo em pedaço,
mergulhado numa taça.

Vou ficando por aqui,
vou parar com meu lamento,
não sou santo e nem bento,
foi por isso que sofri,
come o pão que o diabo

amassou com o seu rabo,
cai nessa bebedeira,
chorei lágrimas de crocodilo,
ela acha que tô morto,
mas ainda não morri,
um dia ela vai chorar,
neste dia vou sorri.

Vou seguir no meu poema,
vou largar a minha cachaça,
um caboclo do sertão,
tem a alma mais tarimbada,
seu olhar enxerga o mundo,
numa única bizoiada,
seu coração bate forte,
como firme marretada,
não é a dor de um amor,
que vai enterrar sua alma.

Veja agora que sai deste
minha enrascada,
estou livre pra voar
pra minha velha morada,
como um pássaro que fugiu
das garras do Carcará,
escapando por um tris,
viu seu corpo espedaçado,
pela unha da paixão,
que é uma unha afiada,
corta mais que bisturi,
deixa a carne ensanguentada,

Hoje salvei corpo e alma,
lhe provo neste cordel,
a fruta que era amarga,
está doce como mel,
hoje estou livre
para outras aventuras,
virei tecido cortado
para remendos e costuras,
mas não perdi minha postura,
de cabra lá do sertão,

Ela hoje me quer,
mas eu não a quero não,
arremato este cordel,
para lhe dar impressão,
que um poeta sofre a dor
que nunca sofreu então,
sofre a dor que muitos sofrem,
para esculpir sua construção,
mas confesso não brinque
com a dor de uma paixão...

Divino Angelo Rola

CONFISSÃO DE UM MATUTO.

Sou matuto aqui do mato
homi de pouca inducação
nunca tivi nunha escola
minha escola é meu sertão
sou pobre e não me ingano
tenho minha limitação,
mas coisa qui nunca dexo

é amar os meus irmãos.

Chove chuva, cai gotera
faz calor ou muito frio,
passa o vento furioso
entorta a bunda do rio,
sô Tião do pé inchado
vivi andando incabulado
cum qui o vento fez cu rio.

Quando vem mês março
inxada vai picando o chão,
as mãos de Maria minha
vai samiando feijão,
tapa as covas com os pés,
enquanto eu nego bruto
vou covando duro chão.

Cacumbu bria no sol,
suor escorre no rego,
puera sobe pro céu
vai pra Deus essa grandeza,
Deus óia nossa labuta,
taca água no chuveiro,
a terra móia então,
e a semente do feijão
cobre a terra por inteira.

Quando a tardi vem caindo
nós vorta muito cansado,
cada um com seu bernal
e com nossa ropa suada,

eu venho cantando uma moda
minha muié de cabeça bacha
muito poco diz comigo,
eu fico meio bolado
mas fico calado intão,
não a nada mais pirigoso
qui uma muié cansada.

Chego im casa vou a bica
lavo a pueira da istrada,
a muié vai pru fugão
acende as brasa apagada,
e inquanto a fumaça sobe
vou tratando da porcada,
jogo mio pras galinhas,
e quando tá ditardinha
dou um abraço na amada.

Assim vô impurrando a vida
com minha barriga mucha
Deus sabi o qui quê di nós
disso eu nunca duvido
sabi qui homi do sertão
pricisa dum lugar bom
quando fizer sua dispidida,
rompi a terra descí o véu
pra quando chega no céu
sua cama istá istendida.

Desse modo vou levando
eu mais minha muié,
ela vai óiando pra mim

já sabe o qui eu qué
é tanta a nossa aligria
juro por virge Maria,
que sô um homi de sorte,
corro o óio de sur a norti
vô prestando atenção,
inté fico emocionado
cum qui Deus dexo pra mim
dexo essa terraiada
e essa noite fechada
pra eu deita e drumi.

Divino Angelo Rola

O PRIMEIRO GRITO

Estou começando o ano
invocado pra dana,
no meio destes tiranos,
a luz nunca vai brilha,
desvia nosso dinheiro,
pra boa vida comprar,
morremos nestes tributos,
sem sequer poder gritar.

Entra ano, passa dias,
nesta labuta infernal,
políticos comem a fruta,
o povo levando pau,
Deus me dê o remédio,
pra essa doença eu curar

se não me dê boas ideias
pra as deles eu sufocar.

Ontem passei a noite
lutando num hospital,
trabalhando ininterrupto
pra dor dos outros aliviar,
hoje me sinto bem leve
como pluma num bailar
não tive nem um tempinho
pra dos bandidos lembrar.

Mas quando me vem o dia
e passo os olhos num jornal
vejo manchetes extensas
divulgando a cor do mal
meu povo sendo subtraído
na maior cara de pau,
me arrependo de ter saído
daquele grande hospital.

Mas meu Deus eu não desisto
da luta de um bom debate
vejo tolos aguerridos
querendo o mal combate
quer fazer tornarem santos
esse imenso paiol de ratos
que se veste das riquezas
deixando a nós os trapos.

Já começo esse ano
envolto nesse cordel

que de forma me alivia
como no amargo o mel
versos feitos me acalmam
como chá de alfavaca
mas não me tira do peito
o desejo de gritar.

Meu Deus me mande agora
um poema pra transformar
estes políticos corruptos
que só quer saber mamar
vai sugando as tetas da pátria
como nos ninhos os Gambas
dizima todos os sonhos
de quem ou menos ousou sonhar.

Mas enfim vou arrematando
meu grito neste cordel
como as abelhas depositam
nos favos teu doce mel,
vou dizendo para o mundo
que nunca vou ter sossego
enquanto existir corruptos
meus versos serão fecundos
como lâmpadas no breu.

Divino Angelo Rola

Saudade

Você chegou de fininha
Com passo manso
E silenciosa,
E foi se moldando
Ao compasso do meu coração,
Por isso não percebi.

Mas o ritmo mudou,
O aperto puxou uma
cadeira sem ser convidada
E pediu um café
Que ingenuamente o servi.
E servi mais um,
Mais um,
Mais um...
Até que puxei uma cadeira
E ele me serviu.
E ambos fitamos
Uma lágrima
Que também entrou
Sem ser convidada.

(Edilene Bandeira)

O relógio

Tic-tac

Tic-tac

Tic-tac

O relógio

Marca o tempo

Que não tenho

E me pede calma.

Tic-tac

Tic-tac

Tic-tac

Ele nem se deu conta

Que está estático

Preso no próprio tempo

Que tem pressa.

(Edilene Bandeira)

O mar e eu

Somos tão parecidos
No ir e vir das ondas
Oscilamos na intensidade:
Ora calma,
Ora ressaca
De um vinho velho
Que nunca bebi,
E mesmo assim
Brindei a vida
Molhando os pés
Em ti.

Uma onda
com seu véu
Branco e espumoso
Traz consigo outra taça
E brindamos a vida
Mais uma vez,
Agora regada com
O pôr-do-sol e uma lágrima
Que salgada se fez.

(Edilene Bandeira)

EM MEIO À ESPINHOS NASCE FLOR!

Na vida, entre o plantar e o colher enfrentamos muitas dificuldades, muitos problemas...

Tempestades que ameaçam o cultivo...

No meio das dificuldades, a dúvida nasce.

A confusão aparece sem convite.

Brotam espinhos.

Os espinhos trazem consigo dor.

Muitas vezes a dor é tão grande que não notamos uma luz, uma saída, um escape em meio a tudo.

Lidar com os espinhos não é fácil.

A dor perturba.

Faz com que tomemos atitudes erradas, sem pensar direito...nos distanciamos do nosso foco.

Damos as costas para tudo o que dói tentando evitar um problema.

Esquecemos que na vida, primeiro vem os espinhos para depois vir as flores.

Precisamos aprender com cada situação de nossas vidas e respeitar o tempo de cada coisa.

Talvez o problema esteja em saber esperar.

Comparo a vida, ao cacto.

O cacto é a vida, os espinhos são os problemas e as flores são o desabrochar do amor.

A nossa vida é assim, cheia de problemas, confusões, espinhos pontiagudos que machucam num simples contato, porém uma hora o amor nos toca e quando isso acontece eis que chega o tempo para florir.

O único amor capaz de fazer desabrochar as flores dentro de nós.

O amor de Jesus.

Jesus enxerga jardins gigantescos onde só conseguimos enxergar desertos.

Jesus fez isso o tempo inteiro e continua fazendo.

Ele enxerga além.

Ele faz a flor brotar em meio aos espinhos.

Ele faz a vida florir!

Jesus faz gerar vida em lugares antes inadequados.

Um cacto espinhoso, mal visto por muitos, geram flores lindas.

Assim somos nós, jardins mal cuidados, sem flores, mas Jesus chega com seu amor, com seu cuidado e gera vida onde era morte.

Antes dele, a vida era só espinhos.

Depois dele, a vida floriu.

Eis que é chegado o tempo de florir.

Mesmo em meio aos problemas, nunca esqueça: em meio à espinhos nasce flor!

Elaine Lião

BRUMAS DE OUTONO

Raia a aurora em brumas de outono.
Um véu cobre meus olhos nesse dia opaco,
e um vento amarelado permeia
Como raio de luz a dizer-me que não tenho
mais o coração empedrado, seco,
como folhas caindo no chão,
um coração sem sentido no seu caminhar.

As folhas caem e pousam,
mexem-se e remexem-se no chão,
perecidas, levadas pelo vento.

Quando caio, pouso e me levanto,
não me remexo, apenas sigo,
apenas sinto o sumir das brumas
e o ar fresco de um dia de outono.

— Eli Gomo —

AMOR ETERNO

As andorinhas andam de um lado para o outro,
Como pontos pretos salpicando o céu.
As flores, beijadas pelas abelhas, parecem sorrir.
Aos meus olhos, este belo quadro revela-se.
Um velho casal sentado no desbotado banco,
Parece trocar juras de um amor infinito.
Mãos unidas, trémulas,
Balbuciam ainda palavras de amor.
Sentada noutra banco, do mesmo jardim,
As ondas de doçura vêm tocar-me o coração.
Aquele amor eleva-se aos meus olhos,
Seguindo o ritmo do canto dos pássaros.
A eternidade parece chamá-los,
Mas, imunes a ela, beijam-se,
Afagam os seus rostos.
E eu agarro-me
À perpetuidade da cena.
Esboço um sorriso,
Levanto-me e parto.
O amor é verdadeiramente eterno.



Elisabete Gonçalves

<https://www.facebook.com/historiasErg>

Soleira da Morte

Buscar a felicidade no fundo da alma,
Encontrar apenas uma estrela no céu da boca,
Sem brilho aguardando a luz do amor.
O mundo girando e o tempo correndo,
E a esperança descendo fundo na alma
Desejando que a partida tenha sido um sonho.
Como viver longe após anos de união?
A vida a dois vive nas lembranças,
Restando apenas o limite da morte.
Buscar e mesmo assim não haver dois.
Procurar e não achar o portão de saída
Com acesso a estação de embarque.
O vagão da vida está repleto de lugares vagos,
Até o sol perdeu seu horizonte,
As mãos ficaram vazias de amor.
O universo separou almas apaixonadas.
Almas que mudaram seus destinos.
Com olhares que se tocavam destruindo os medos.
Com abraços que envolviam se afastando as tristezas.
Almas apaixonadas que foram luz e vida.
Hoje são apenas solidão e escuridão.
Almas que não aceitam a separação,
Pois tinham acordado envelhecerem juntas.
E hoje estão separadas apenas pela soleira da morte.

Elise Schiffer

SOMOS TODAS MARIAS

Somos todas Marias.

Maria branca, negra, morena.

Maria indígena, serena...

Maria que lava o pé.

Maria que socorre o seu Zé.

Maria que a todos encanta.

Maria que se desencanta.

Maria que sonha acordada.

Maria que sofre abusos, calada.

Maria sorri condenada.

Maria do grito engolido.

Maria sem voz no infinito.

Maria com dupla jornada.

Maria de todos os amores.

Maria, sorrisos e flores.

Maria padece,
se recolhe na prece.

Maria, reflexo da desumanidade,
da crueldade,
da desigualdade.

Maria no liame dos amores.

Maria dos desamores.

Somos todas Marias!

Elza Francisco

DUAL SOLIDÃO

Diálogo confuso,

difuso,

perturbador.

Gesto banal de um tirano.

Silêncio soberano!

Um par indissolúvel

caminha na direção da dor.

Sonho e sonhador

entrelaçados...

na simbiose do amor.

O colóquio prossegue,

exalando o perfume sem cor.

Dual solidão!

Elza Francisco

SOU BICHO DO MATO

Sou bicho do mato.

Nasci na senzala

E continuo habitando

o meu canto verde.

Pássaros, borboletas,

abelhas, marimbondos,

insetos nocivos...

gato, cachorro,

fazem parte do meu habitat.

As árvores...

graviola, pitanga, araçá,

goiaba, mamão, abacate,

acerola, uvaia, sapoti,

jabuticaba, lichia, limão,

longana, caqui,

cercadas de palmeiras

onde cantam os sabiás.

Vivo no museu da Natureza,

pé no chão,

sol cambiante,

chuva criadeira.

As flores dão o tom

ao sorriso matreiro

para as lendas fugazes.

No entorno do fogão à lenha,
a rede acolhe a inspiração,
parideira de poesia.
Sapatos e sortilégios
fugiram do meu armário.
O trabalho formal,
cheio de protocolos,
paradoxal,
deu lugar à brisa soprada
pela lua fininha
romântica e faceira.
Ser bicho do mato,
enleva a minha gênese: Puri.
Na minha aldeia...
sou bicho do mato!

Elza Francisco



Emecê Garcia é poeta, contista, filósofo, professor formado em Letras e pós-graduado em Literatura Brasileira pela UFRN.

A META EM LINGUAGENS

Eis que a razão mais que filosófica
Revela-se em metáfora de amor
Quando perscruta na “semântica
Viva”, a metalinguagem da flor.

Na flor, o determinismo da Biologia
No Social, o ofício em Comunicação
Na Arte, a estética e a poesia
E na Filosofia, o *mythu* e a razão.

Eis que o coração vive a pensar
No sentido das coisas e da vida;
Pois nas palavras - o confabular,
Da verdade formalizada e precisa.

Eis que o desejo se acautela
Engendrado pela experiência
Do viver intensamente deveras
Com determinação e sapiência.

E se faz indubitável o querer
Quando já se tem edificado
A forma, a substância do Ser
No olhar certo da mente.

E se o Ser faz-se enganador
Faz-se a quem vive de estereótipo
Por está desprovido de Amor
E do real espírito filosófico.

E, nem a sensibilidade a mais
De poeta, de filósofo, de profeta
Não desvendará o enigma jamais
Se não for pelo pensar filopoético.

Eis que, só o *logos* filosófico
Revela-se em metáfora de Amor
Ao perscrutar pela metalinguagem
A semântica viva da cor da dor da flor...

Do Livro de Emecê Garcia - AMORTEAMO – Editora MMO Graf – Natal/RN – 2014.



Emecê Garcia é poeta, contista, filósofo, professor formado em Letras e pós-graduado em Literatura Brasileira pela UFRN.

ODE À LUZ DA INTELIGÊNCIA

Ah, essa devastadora transformação
Cuja força é pós-modernidade
Na concepção de Lyotard
Contra o paradigma moderno
Que Habermas não concorda acabado
Que nem o meu 999 MHz de 40 Tb
Consegue sequer acompanhar
Porque antes de ser já não é mais
Pois, que o hoje já é obsoleto
Em nome da inteligência de além
Velocidade da luz, ad infinitum...
É tudo quão descartável e fugaz
Quanto as centena de milhares de cds e dvs
Pirateados em cada esquina do mundo.
Do novo tem-se apenas a ideia de...
Porque a cada instante é um novo modelo
De qualquer coisa engendrada pela inteligência.

Oh, século da inteligência
De todas as inteligências infor

Já alardeadas até então
Conciliada pela razão
E muito mais pelo coração
Do poeta que navega hesitante
Diante de tanta beleza efêmera.
Por todas essas transformações
Inexoravelmente precisas
Para se chegar a algum lugar do sem fim
De todas as inteligências dessa era que é
E tão logo deixa de ser no constante descartável
Que se confunde com a própria vida.

Ah século xxi na vitória do jogador
Que arrisca na inteligência para petiscar
Um espaço na era da globalização
Que o Tom Zé a interpreta por globalbarbarização,
Onde só os mais inteligentes escaparão!
É a tônica do dia a dia na Internet
No Niu Iorque Taime, Bê Bê Cê, Cê Ene Ene,
Ésse BesteiraTeira, Rede de Bobo
Bil Gates que o diga vivendo com 1% da sua riqueza
E a fome e a miséria a assolarem populações inteiras
Que nem os 99% doados podem salvar
A guerra em nome do precioso líquino ébano ultrapassado
Por outras fontes de energia renováveis
Em nome da Pósmodernidade
E de tudo quando se usa a inteligência.
Por isso, que o gigante imperialista
Dar seus últimos brados e suspiros de Morterno.

Oh, milênio que transpôs projetos dos –ismos
Em tempos idos de senilidade moribunda
Na transcendência do moderno à Morternidade

As máquinas de outrora
Ficarão na inércia do moderno
Renascentista de séculos e séculos
E a divisibilidade do átomo
Eclodiu em Hiroshima e Nagasaki
E Einstein sentiu-se confuso
Diante do paradoxo das ondaspartículaspartículasondas
Como se o mecanicismo cartesiano
Fosse sepultado e se retornasse
À concepção holística e orgânica
No retorno à natureza e à ecologia primeira
No poema de Parmênides
E ocidente e oriente não passassem
De uma invenção de homem apenas
Quando Antigo e Novo é o mesmo Testamento
Yin Yang é I Ching
Mesmo dividido pela Muralha chinesa
E palestinos e judeus são desamigos de uma mesma causa:
O Sagrado segredado segregado
Pelo fanatismo e pela destruição.
Posto que aqui e ali é nação!
ALI-E-NAÇÃO!

Oh sonhos e realidades virtuais
Que chegam à verossimilhança

Na tela do computador
Que é cinema, que é televisão
Que é realidade virtualizada
Como é o mundo em Matrix
Que não passa de ficção
Em literatura, em Filosofia, em Religião
O platonismo agora é sinônimo de virtual
Porque o amor se faz inacessível
Por opção ou por falta de tempo
(Não se tem tempo para mais nada,
Tem-se tempo para tudo)
Tal qual o Coelho Branco de Alice
Tal qual o Conhece-te a ti mesmo, em Sócrates
E Amai-vos uns aos outros, em Cristo
Não se abraça mais o amigo
(Imagine então o inimigo)
Não se beija mais a namorada
(Porém se beija, não se sabe o quê)
Porque as salas de bate-papo
Estão cheias de gente vazia
Pela solidão e pelo egocentrismo
E de individualidade democratizantes.
Os bate-papos virtuais
Vale mais que uma visita *in loco*
(Prefere-se a visita di louco)
Porque tudo agora se faz pela Internet.
A tela é um canal de infindas saídas
Tudo se tem, tudo se encontra
(Encontra-se até o que não se quer).

O amor, o carro, a tese, a religião, a mulher...)

É a liberdade, liberta a ti age, liberta atina agem

LIBERTINAGEM!

É a última consequência do sem censura

Em tudo e para todos na aldeia globalizante.

Cria-se muito mais problemas virtuais

E muito menos problemas reais.

Mas, afinal, o que é real?

Se toda a realidade é virtual

Quando garotos pilotam F-22... dentro do seu próprio quarto

Igualmente os que guerreiam em nome do petróleo

Como se americanos e iraquianos fossem de brinquedos:

Soldadinhos de chumbos!

Busca-se a paz, dando gritos de Guerra!

Oh pós-modernidade do sem-fronteiras

Que me faz cidadão do mundo

No tempo em que se globaliza a ação

Apenas na minha liberdade de intuição

Liberdade de ilusão e de decepção

Porque não se tem mais o que dizer

Como veracidade modernizante.

Há jogos de linguagem para cada situação

Há situações que dizem mais

Do que qualquer verdade convencional,

A verdade gora é Poesia

Porque se sente mais do que se é para entender;

Cala-se, ao invés de eloquência rebuscada

Porque o silêncio do coração é wittgensteiniano.

O sem fronteiras é desparadigma de um único
Que faz da Amazônia patrimônio da humanidade
Sem a reciprocidade globlóide
Para fazer Racionais Mc. parada de sucesso
Por um dia, nas FMs do mundo inteiro
Faz o homem ter acesso ao conhecimento
Mesmo sendo vassalo de consciência capital;
Faz da minha poesia inútil
Sem deixar de ser ideia;
Faz-se tudo porque a verdade
É mortenidade com o Póstudo e pós-nada.

Oh, extraordinária inteligência
Que me leva a um sem fim de coisas
Inatingivelmente reais
Porém, muito mais ao alcance do virtual.
Posso ter a qualquer instante
Toda e qualquer informação que me aprouver;
Posso entrar na Biblioteca Nacional,
Na Casa Branca de sangue
Pela guerra contra si mesma.
Porque o conhecimento não espera por ninguém.

Superpotência agora se mede
Pela velocidade da luz da inteligência
Na infinitude progressiva do KHz, MHz, GHz THz....?
E após Pablo Escobar a democratização
Da Coca & Cola capitalistas
De Acidente ao se Oriente todos no mundo,

Nas lutas dos DDD num mundo bivalente:

Dólar, Droga, Demônio

Versus

Dinheiro, Destruição, Deus.

Respectiva à mente...

Nas mãos dos Filósofos, poetas;

políticos, profetas exceto do HOMEM.

Do Livro de Emecê Garcia - O ESPECIALÍSSIMO (As Reminiscências Oníricas de Ozodyrak Narum) – Cap. 68 – Editora MMO Graf – Natal/RN – 2012.

Tecidos

O tempo é uma aranha,
repete as tramas da história.
Esse tempo tecelão
nem sempre trama somente a glória.

Vi os cabelos brancos nos espelhos.
Brancos, manchados de vermelho,
as nódoas, em tinta unguidas,
esboçando antigos enredos.

Deitado no berço, um nome
Envolto em significados
outrora e desde sempre, repetidos.

Estórias tecidas que vem e se vão...
Sopradas por ventanias ancestrais,
São imagens de eterno retorno.

É no sertão que se corta o fio.
Às sós, no deserto, desatando os nós.
Pleno de sentido, pode-se criar um destino,
que também é por nós.

Érika Foresti Pinto

ANDO EM SOLIDÕES

Extraviada nesta solidão
Escuto teu canto
Nas ondas do vento
Me embalam enleios
Fantasias invento
Aguardo-te
Co>alma florada
Assim, desabrochada
Para receber-te.

Erivas

OLHAR DE LINCE

Ah! esse teu jeito
Diferente
Atrevido
De me olhar
Olhar de lince
De nada deixar passar

Só eu entendo
O que por trás há...
Chama que arde
Desvenda
Estranhamente
Me intimida
Um convite a me enredar..

Teus olhos de fogo
Faiscam desejos
Fulminância em mim...
Ah, devoras-me
Só de me olhar!

Erivas

PROMESSAS

Já quebrei tantas promessas
as que fiz na pressa
nos dissabores

Tantas, que já nem sei...
até nos fulgores.

Promessas
não se faz
às pressas

Como correntes, se quebram...

Erivas

Amor secreto

Você exala

O mais gostoso dos perfumes

Você é inspiração

Em tudo que faço

Você foi e sempre será

O meu secreto amor.

Estrelas no céu

Muitas vezes olho para as estrelas no céu

Fico imaginando que você é uma delas

Iluminando e guiando meus passos

Durante as noites solitárias de minha vida.

Desde

Desde que te conheci,

Passastes a fazer parte de mim

Mesmo distante

Estás sempre dentro de mim.

Fátima Araújo

SÚPLICA PELA VIDA

Senhor Deus, criador do universo,
Socorre o povo que vive no Amazonas...
Pessoas simples, mas não os abandonas,
Sabes que são essência da mais pura raça humana
Que habita nessa terra impura e insana.
Seres que lutam pela natureza,
Que procuram salvar toda e qualquer rara beleza
Existente naquele lugar...
Almas desprendidas de riquezas,
Vivem felizes na mais clara pobreza
Sentindo - se premiados por estarem
Vivendo rodeados pela natureza, felizes, lá',
Onde apenas os mais fortes conseguem ficar,
Resistir...
Lutar...
Por isso Senhor,
Dai a eles a chance de escapar.
Nós não queremos os ver chorar...
Não um povo que sabemos
Da imensa força de guerrear...
Levanta Amazonas!

Fátima Leite

COMPANHIA FELIZ
Unidos por brincadeiras
Mesma mãe humana
União pela vida inteira

DESTINOS ESCRITOS
Caminhos cruzados
Felinos felizes
Haviam sido destinados

NO COTIDIANO
Cuidando um do outro
Com carrinho
Os dois sempre juntinhos

INTERESSANTE CUMPLICIDADE
Impressionante comportamento
Efetuado lindamente
A todo momento

VIDAS INSEPARÁVEIS
Vivem juntinhos
Comem e dormem
Inseparáveis fofinhos

QUE DEUS PROTEJA OS ANIMAIS
Os animais
Parte da natureza
Vamos protegê-los mais.

Fátima Leite

ENCONTRO DE ALMAS (NO INFINITO ESPAÇO-TEMPO)

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto
desencontro pela vida”
(Vinicius de Moraes)

Duas almas...
Duas vozes... no espaço-tempo
Ilimitado universo
Seria o escuro do espaço uma luz que se recua?
Onde estão as almas... que se procuram?
Por que não se veem... não se tocam?
E, por que o tempo se dilata?
Seria, sei lá, para separar as almas no espaço como um balão a inflar?

Duas vozes...
Duas almas...
Que se procuram... no espaço-tempo
Estando uma a bilhões de anos-luz... d’outra
Todavia, não importa a distância... (nenhuma distância)

Duas almas...
Duas vozes...
Que choram... no espaço-tempo
Oh! Mas, alguma aconteceu: Estaria finalmente “o balão a murchar”?
Talvez sim, talvez não
Ao que as duas almas se acharam
N’um incrível encontro... de palavras
E conversam... e falam
Como a dialogar... uma co>a outra
(Pelo muito que, ainda que não sabiam, gritavam uma pel’outra)
E nest’hora, ah! não, não se calam
Nem querem se calar
Teriam, nest’hora, medo do silêncio, sei lá?

Duas vozes...
Duas almas...
A levarem agora místicas flores... no espaço-tempo...
Uma par’outra
Na escura noite do extenso espaço
Não se veem.. nem se tocam (fisicamente)
Na verdade,... nem precisa!
E, destarte, só se falam.. e s’escutam
De suas palavras a que não perdem o fio de suas doces prosas
Visto que não deixam de form>alguma... perdê-lo
Amparai-as , pois, ó Vida, segurai-as com vossas mãos

Para que não se percam novamente na vastidão do cosmos
E não se separem na eternidade do tempo, oh, não!

Duas vozes...
Duas almas...
Que longo prazo foi aquele, meu Deus!
Daquelas sofridas e inquietas almas... no espaço-tempo
Oh! Do muito que se cansaram pelo que antes tudo as enganaram
Num tempo em olharam para tudo mas que, em verdade
[nada... nada... nada encontraram
E pelas ânsias do qu' em tal grau buscavam
Oh! Como gemiam... e choravam...! (visto que nada achavam)
Pensamentos perdidos a quem eram... no espaço-tempo?
Quem sabe?

Duas almas...
Duas vozes...
Sempr' emergidas... no espaço-tempo
Que saudade é essa do qu' então o tempo deletou de suas memórias?
E por que o fez de tal forma?
Para, quiçá, brincarem d' esconder?
Mas, o tempo não é impiedoso, a rir para sempre de noss' angústia
E, apesar dos milhões de anos-luz separadas, eis que as permitem
[s' encontrem (mesmo à distância)
Onde, neste instante, suas vozes são ouvidas
Que, embora, seus corpos não se tocam, suas palavras se abraçam
E se beijam

As duas vozes...
As duas almas...
Ao que, finalmente se acharam... no espaço-tempo
Seria pela força da gravidade...?
Ou seria pela força do quê...?

27 de Outubro de 2020

Fausto de Deus

AMAR SEMPRE, MAS SEM SE APEGAR

“Amo como ama o amor. Não conheço nenhuma outra
razão para amar senão amar»
(Fernando Pessoa)

Completou-se o tempo de seu percurso?

Concluiu-se, finalmente, então?

E não era esperado que desta forma, em verdade, se faria?

Ou acreditou alguém que então para sempre seria?

Ah! E o que nesta vida não chega ao seu termo?

Logo, lucidez se saber que um dia findará... (qualquer coisa!)

Inclusive o que amamos... e nós mesmos

Damarga e, por isso, pouco amada verdade da efemeridade de tudo
A que, creio eu, não aliviar a ninguém num refúgio a que dela se escape

Dos tantos a dormirem o sono de sua insensatez de viver

Dos que se afogaram em sua incontestável ignorância

Negando, pois da Vida, qualquer consolo a não ser que se abriguem

[em suas malditas mentiras

Ou então, a viver apenas... por viver

Que fazer, por conseguinte no prazo deste exílio?

Oh! Querirá saber alguém o que eu penso e creio?

Direi, pois então:

Ame... ame... ame

Ame sempre...

E jamais deixes... de amar

Ame a quem está contigo... agora

Porque este «agora»... brevemente passará

Am então tua esposa... teu marido... teus filhos

Não se prenda em nenhuma desculpa por não amá-los

Ame seu cachorro... seu gato... seu peixe d'aquário

Oh! Lembre-se:

Foi a Vida que vos deu... tudo

Ame suas mentiras... suas ilusões... seus sonhos... suas quimeras

Pelo que enquanto amadas são, serão também suas maiores verdades

Ou, quem sabe, suas excelsas esperanças

Não, não tenhas medo de amá-las

Ame seu trabalho... e igualmente o seu repouso

Ambos são sagrados... e bem como seus inalienáveis direitos

Ame-os então, oh! não os odeie, não!

Ame suas coisas

Não é pecado amá-las... de form'alguma não:

Seus livros... seus discos... seu carro... seu violão

Ame sua casa... seu jardim... suas flores... sua grama...

E, portanto, ame...

E ame... tudo o que a Vida vos ofertou

Mas... e, principalmente, ame-se

Não, não percas tempo... por não amar

Até mesmo tua singular vaidade (e por que não?), ame...
Mesmo sabendo que logo mais dará o fora
D'alvorada bela e formosa, oh! não a deixes, pois de amar
Nem o ocaso de seu dia, o qual inevitavelmente chegará
Ame teus dias... teus meses... teus anos...
Amando, portanto, o seu tempo... no tempo
E ame... e ame... e ame

Mas, só uma coisa a mais eu lhe digo
(Ou melhor, para o teu próprio bem, eu lhe peço):
Ame... com sensatez
Sem a quem ama... s>escravisar
(Menos ainda a querer possuir a quem ama)
Ou, n>outras palavras:
Ame com liberdade, sem a ninguém nem a nada se apegar
Para, deste modo, não penar... não sofrer
Quando o que então amas venha um dia a morrer
Ou quando o próprio amor venha então.... a se acabar

Resumindo:
Jamais deixes... de amar!

Ao qu>enquanto presos estamos n>alma e no coração do tempo...
Que nele amemos... sem parar

07 de Setembro de 2020

Fausto de Deus

DEUS É AMOR... OU... DEUS E AMOR?

“O mundo me intriga. Não posso imaginar que este relógio
exista e não haja relojoeiro»
(Voltaire)

Seria «concreto» só por se saber objetivo ou real?
Seria abstrato por se considerar impalpável ou mesmo imaginário?
Explicar-me-ei a partir d>uma mística questão:

Deus!
Substantivo... concreto

Amor!
Substantivo... abstrato

E assim, temos agora... um grande paradoxo
«Concreto e abstrato»... n)um único e mesmo ser
Já que é dito e tanto se repete que... «Deus é amor»!

E então! Como se explica?

Bem, sob uma ótica religiosa, oh! sem problemas em dizer que
[«Deus é amor»
Mas, e sob um ângulo humanamente mundano, poder-se-ia
[dizer que o amor é também... Deus?
Talvez não, visto que na maioria das vezes... «este» amor passa
E, Deus, como é sabido, é eterno em sua substância
Agora, eis que me adentro no campo da Filosofia

O que, analisando a partir d)um silogismo prático, podemos afirmar:
Já que o humano amor passa, é por não ser concreto em nossas vidas
Sendo apenas... um)abstração d)um desejo frustrante
O qual não se concretiza (psicanaliticamente dizendo)
Ou não permanece... ad aeternum (como se diz em Teologia)
Identificando, deste modo, o amor, quem sabe, apenas como um
[«substantivo abstrato»

Ao passo que Deus...
Ah! Deus... só pode mesmo ser concreto
Do contrário nada nem ninguém aqui s)haveria
Ou seja, Deus é a nossa única e concreta esperança
Mesmo que a esperança seja um «substantivo abstrato»

Lembremos do relógio e do relojoeiro segundo o incrível Voltaire

03 de Setembro de 2020

Fausto de Deus

[...descompassados iguais] (Dueto)

És tu, o néctar, que me adoça a inspiração,
O maná do céu, que me nutre o coração e segredo da fertilidade de
minha imaginação...

Pensar-te és-me um prazeroso

Sentir...

Dou liberdade à imaginação
E o corpo, ressoa e responde
Vibrando e arrepiando
(sensações intraduzíveis)
E palmo a palmo... te toco... te delicio
E a mim... o sutil entorpecimento d'uma
Embriaguez dos sentidos...

Sensação divina e prazerosa (leveza misteriosa)
Nirvana... do corpo... e de toda minha essência
Como não te sentir nos meus braços?!
(magias da imaginação e dos sentidos?)

Ah, e num alongar de almas, que se tocam
Abraçamo-nos... Beijamo-nos
(co'as intensidades das despedidas)
Meu Amor, Te Amo, Te amo, Te Amo
(sussurros, já são cúmplices)
Estremecimentos e arrepios mais e mais intensos

Nutrindo-me de tua imagem que nest' instante me agasalha
Emoção chega aos olhos
Amor, Ah Meu amor, o que somos
nós n'este nirvânico instante?!

Dois pulsantes corações... lado a lado a que se somam...

Ou mais seria um... dentro d'outro?... (misturados a que são!)

Imensurável céu... dentro de cada um de nós

Oh! Lembra-te agora... e sempre:

Te amo de alma... ao infinito

Porque é nesse quase infinito

de presente-eternidade

que estou em Ti

Te Amo, meu Amor

com todas as energias de meu ser

Ah, como Eu Te Amo, Amor Meu

Êxtase do Eterno... em mim... em ti... em nós

Num ecoar de emoções...Minhas células vibram por ti

Nossos corações pulsam em igual... compasso

...descompassados iguais

Te amo

Fausto de Deus e Juli Lima

[Um único VERSO...] (Duetto)

Linda morena... híbrida... negra... indígena
Tão bela...! tão graciosa...! Tão admirável...!

[Sorriso...

Por quanto tempo de mim s>escondia?
Passavas, pois, como que disfarçada a qu>então não a percebia?

[Sorriso...

Olhos transbordam ternura...

Tempo!

Essa turva treva a ocultar a real face d'aquela a quem amo
Minha bela princesa...

[Sorrio...

Olhos transbordam ternura...

A Alma declama um único verso...

Tempo!

A brincar... sempre conosco... filhos... da Vida

Mas... não o seria também filho da misericordiosa Vida?

E assim rasga ele os véus que nos cobrem

[Sorrio...

Olhos transbordam ternura...

A Alma declama um único verso...

Te Amo, Te amo, Te amo ao infinito de mim...

A deixar-me encontrar, novamente, com aquela a que nest'hora vejo

Minha linda morena... híbrida... negra... indígena...

Um único verso...

Te Amo, Te amo, Te amo ao infinito de mim...

Fausto de Deus e Juli Lima

[...tenho fome] (Dueto)

Amor, que fome é essa que tenho de ti?

Ah! E eu não tenho... de ti????

Pergunte, pois aos deuses!!!

Eles vão dizer...

pergunte

a eles...

Pensas que

estamos sem nada fazer?

Olha a tua volta...

[Diversas fomes...

Os “deuses” mitológicos

não se preocupam

com nossos

melindres...

Todavia, não s'esquivam de nossas angústias
E fomes (do corpo e d'alma)
E também não interferem nelas...
Preciso se faz o ser humano... viver
(as fomes)
Necessário se faz em todo o tempo... aprender
[as fomes muito ensinam...

Se preciso, eles os “deuses”,
metem o dedo na ferida
sem dó... sem
anestesia...

Estamos... de ponta a ponta da vida
pelos deuses... observados
Vigiados?
Ai, que palavras mais feias!
Amparados somos, pois...por seus olhos

Vênus... Apolo... Atena...Ártemis... Hércules... Zeus...
Escutai-nos a que a vós imploramos!!!

Oh! talvez, se eu perguntasse
à um “herói ou heroína”...

[Parariam eles
pra dar ouvidos
a uma humaninha?

Quem sabe...!

Mas que fome é essa
Que temos um
D'outro?

Amor!
[Insaciáveis um do outro...

De ti...
...tenho fome

Fausto de Deus e Juli Lima

INSPIRAÇÃO

Se
me foge a inspiração
___ que faço?

(...) não
desisto, acaricio
as palavras!

Porque
às vezes é apenas
___ capricho,

(...) a
poesia fica
calada!

Então,
carinhosamente, eu
___ acho graça,

(...) a
inspiração vem
e me abraça!

Fernanda Xerez

O COZINHEIRO ALTRUÍSTA

A viuvinha se encontrava na porta, com os olhos fixos no avental do vizinho, famoso chefe de cozinha, convidado à sua casa - intimado - digamos, para preparar aquele badalado prato do seu restaurante de frutos do mar em Botafogo.

O real interesse do convite havia sido meticulosamente ocultado pela prática de um ordinário gesto de boa vizinhança.

Com efeito, a jovem viúva chamou para uma confraternização outros vizinhos que, misteriosamente, deixaram de ir à comilança. Nem o Aristides, conhecido bufão, deu as caras no evento.

Servido o robusto salmão encharcado de alcaparras, tratou a viuvinha de lançar seus pés sob o outro lado da mesa, levantando-o até o ponto alto de seu desejo, para o espanto do cozinheiro, em choque.

A perplexidade da vítima durou pouquíssimo.

Em um exercício mental sumário, o vizinho concluiu, afinal - tratar-se ele da refeição - e logo cuidou de atender os desvarios da esfomeada, dizendo para si mesmo, cinicamente, estar realizando um ato de altruísmo para o bem daquela pobre alma, tão jovem, tão bonita e tão viúva.

Sobre o autor: Fernando Fardin é natural de Castelo/ES e Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Além de “O investidor da cafeteria”, escreveu o conto ficcional “O aniversário na casa de tolerância”, ambos disponíveis para compra na loja virtual da Amazon na internet. E-mail: fernandofardin@gmail.com

Instagram: fernando.m.fardin

“O investidor da cafeteria”: *Um indivíduo comum é atraído pela possibilidade de sucesso no mercado financeiro. Em seu primeiro pregão, Genaro é apresentado à alta volatilidade da bolsa de valores. Lurdinha, a bonita garçonete da cafeteria, acompanha-o neste conto ficcional narrado em primeira pessoa.*

“O aniversário na casa de tolerância”: *Três grandes amigos decidem comemorar um aniversário em uma casa de tolerância, mas a ausência de recursos financeiros os colocam em permanente conflito. Um literato, um médico e o irreverente Genaro protagonizam diversas confusões neste hilário e dramático conto ficcional ambientado na cidade do Rio de Janeiro.*

SOLIDÃO

entregue à noite e à solidão
sinto-me visitado pelas palavras
querendo que elas falem

de modo a me poder ouvir
através delas procurando ver

o que me queiram dizer

Assim

Francisco Coimbra

PARTILHA

sim, tu olhas as palavras
quando as escreves, seguindo
uma métrica dos versos

semelhante à que procuro
quando te quero dizer

como se partilha a solidão?

Mim

Francisco Coimbra

PARTITURA?

há uma solenidade
esquisita quanto baste
na procura de ver

versos tão indulgentes
como estes são

procurando partilhar-se

Francisco Coimbra

NUNCA MAIS VI SEU OLHAR

Era tempo aquele, longe, no passado
E que no seu belo olhar eu me perdia
E minha timidez, latente, me impedia
Mostrar-me, por você, um apaixonado.

Seu olhar ao meu e você bem já sabia;
Passou-se tempo e me veio a coragem
À revelação, mais veio uma passagem
De eu ter que partir e o amor recendia.

Fui numa missão de tempo bastante
E não quis p'ra você fazer despedida,
Um choro contido levei na m'nha ida
Na sina de ser meu destino distante.

De longe, seu olhar me viu ir no horizonte,
Quem sabe de novo eu o verei nessa vida.

Genivaldo Freire

NUMA TARDE PRIMAVERIL

Numa tarde primaveril
Em que o sol a cobriu
Você foi meu maior presente
Mesmo não pessoalmente
Não estávamos afastados
E sim, nós entrelaçados
Por nossas correspondências
Haviam nelas essenciais
Das flores mais majestosas
Tal o olor de jasmims e rosas
perfumavam àquela tarde
E que já deixou saudade
Dos seus ares de poesia
Que nas palavras, reluzia,
Parecia ter tom sonoro
Mundo que também exploro
Fez-se essa geografia
Com pingos de filosofia;
Às asas da imaginação
Trouxe a nós emoção
Falamos de alguns feitos
Também de alguns defeitos
Como diante de um espelho
Houve até bom conselho
Também boas gargalhadas
Diante de trapalhadas
Que fugia ao formal
Tudo ali foi bem normal
Numa mera descontração
O racional e abstração
Misturados e envolvidos
Separados mas unidos
Em linhas de ternos versos
Eram ali dois universos
Opostos se contemplavam
Pareciam se completavam
Em oculta excitação
Num pulsar de coração
Naquela tarde já finda
O ocaso a fez mais linda
Os pássaros esvoaçaram
Em voou sublime cantaram
E músicas soaram ao vento
Brilho em cada momento
E aquela tarde passava

A noite enfim chegava
Nuvens “traz” cheiro de brisa
Em um sinal que “avisa”
Mas antes o céu sorriu
E um novo astro surgiu
O sol ia e a lua vinha
Reinando ainda sozinha
Até o céu ser pontilhado
Brilhoso e embelezado
Era hora de ir embora,
Quiçá em alguma aurora
Ou em outra tarde bonita
Tudo então se repita
Mar encontre águas do rio
N’outra tarde, primaveril

Genivaldo Freire

MOCINHA

No meu jardim você impera,
Perfuma, reina sozinha,
Hoje é uma rosa mulher
E beleza de flor rainha
Mas será sempre p’ra mim
Aquela eterna mocinha,
Tem meu carinho eterno;
Mocinha você é minha
Sempre uma inspiração
Poética, minha florzinha

Genivaldo Freire

Gotas de amor...

Se o meu canto é de dor
Entrego-o às profundezas noturnas
A penumbra encobre o pranto
Encolho-me em meu canto
Ciente que a calmaria
Chega ao raiar do dia
Logo após o temporal

Ingrid Mohr

O ser poeta...

Escrevo e sou feliz
Palavras florescem
E tocam o peito
Levam-me pra longe
Borboleteio amores
Descanso em sombras
Retorno ao caminhar
Mais forte que no início

Ingrid Mohr

Isso é viver...

Sentimentos transbordam
O coração palpita
Sentires incontidos
Desejos, os mais vorazes
O aroma da brisa nectarizada
Invade o ser que poreja
Fluidos deveras agradáveis
Propagam-se no ar
Os olhos cerrados
Potencializam o sentir
Sensação de bem-estar
Bem-viver...

Ingrid Mohr

Cortinado de poesias

Há como eu queria

Sair por aí

Desenhar poesia

No dia

Na cortina do céu

Que lindo seria

De fundo a melodia

Dos pássaros

E de gente que sabe cantar

Males espantar...

E o brilho dos versos?

Espelhando almas!

Jacinaila Ferreira

@escritasdjaci

O gato

Preto

Como noite escura

Cheio de bons modos

Vida longa

Olhos que curam

Pode ser sorte ou azar

Nasceu preto

Nunca se sabe

Predestinado a sofrer

Espantar dores alheias

Preconceitos

Maldizeres

Sei lá eu que destino é esse

Que inventaram para um ser

Que a noite apagou a cor

Jacinaila Ferreira

@escritasdjaci

TRANSIÇÃO TEMPESTUOSA

Faltando uma de cento e tantas profecias,
É quase certeza o fim, do que fora Roma...
O catolicismo erétil, já inicia o seu coma...
Segundo as previsões do santo Malaquias...

Arderá naquele fogo que fez sua assepsia,
Queimando em vida, os detentores de luz,
Perpetrando em trevas o povo que conduz,
Condenando os dons como se fora heresia...

O ultimo de sete reis, será em breve eleito,
No reino do vaticano, segundo apocalipse...
E a mulher adúltera, perde o poder tríplice...

Não revelam os profetas detalhes e efeitos,
Do que sobra à igreja, tal a bíblia predisse..
Quem viver verá, o fim da longa mesmice...

Jacó Filho

BUSCA INTERIOR

Sei que tenho deus em cada um dos átomos,
Que formam um ser, por irmãos, constituído,
Estruturando no cosmos, por «Cristo», regido,
O grão, que em espelhos ver-se verbo átono...

Mergulhei na mente, pra ser um, em espírito,
E toquei estrelas, que em luz, me pertencem...
Pesquei em oceanos, que sereias convencem...
Flagrei-me onisciente, num instante explícito...

Guardei muito pouco do que vi, na memória,
Mas lembrei de Hermes, com as visões reais,
Que fora e dentro, a terra e o céu são iguais...

Constatai que sermos um, tem toda a glória,
Desde que amemos do homem aos minerais,
Com visões cósmicas que nenhum vale mais...

Jacó Filho

CRISTAL DE NEVE

Quem deu à natureza tanto capricho,
Projetando neve na forma de estrelas,
Deu-nos olhos e sabedoria pra vê-las,
E enxergarmos uma lei, em tudo isso.

O universo foi feito a nossa cópia fiel.
É o que diz a visão do grande Hermes.
A primeira razão, todo mundo a perde,
Se a memória divina dilui-se num véu.

A física quântica, em avançado estudo,
Recria desenhos de tantos elementares,
Que já concluiu serem forças similares.

Assim na terra como no céu sobretudo,
Engenheiros celestes fincam os pilares.
E talvez sejam dignos, de belos altares...

Jacó Filho

CHUVA REPENTINA

Letra de João Claudio

Chuva repentina em tão boa hora trouxe alegrias para o lavrador.
Molhou seu roçado, saciou seu gado, ele agradeceu foi Deus quem mandou.

Encolheu num canto, pra mais uma prece, chamou a patroa pois foi atendido.

Rezou muitas vezes mas não foi em vão, sabe que seu campo ficará florido.

Eu pedi senhor o suficiente para não matar as plantas do sustento
Na minha casinha perto do capão coberta de poeira eu fiquei atento
E Deus mandou o alento, chuva repentina junto com meu pranto molhou este chão

Germinou a semente e mostrou que Deus não esquece o sertão.

Chuva repentina em tão boa hora trouxe alegrias para o lavrador.
Molhou seu roçado, saciou seu gado, ele agradeceu foi Deus quem mandou.

Encolheu num canto, pra mais uma prece, chamou a patroa pois foi atendido.

Rezou muitas vezes mas não foi em vão, sabe que seu campo ficará florido.

Eu pedi senhor o suficiente para não matar as plantas do sustento
Na minha casinha perto do capão coberta de poeira eu fiquei atento
E Deus mandou o alento, chuva repentina junto com meu pranto molhou este chão

Germinou a semente e mostrou que Deus não esquece o sertão.

NAVIO E NAVEGANTE

Letra de João Cláudio

Navio e Navegante eram dois bois de canga,
Que cortavam o sertão por estradas de chão batido.
por trilhas e caminhos, na verdade não havia,
Buracos e grotões que não tivessem percorrido.
O som do velho carro de boi se ouvia longe,

Um chiado choros que alegrava os ouvidos.
Do velho candieiro que ia fumando seu pito,
Levando lá pra vila coisas do mato escondido.

No pasto de anus e passando por matas virgens,
No recanto de onde não sai mais ninguém.
Na carona os meninos iam até fazendo festa,
Pra São João da Serra, terra de gente de bem.
Pra que é que o Carreiro andava com seu ferrão,
Se ele não era usado com os bois se dava bem.
Formavam uma junta, passos lentos sonolentos,
E naquela toada iam muito mais além.

Um dia numa curva perto de um precipício,
O carro quase tomba pra matar o boi Navio.
Só não aconteceu porque o boi navegante,
Gravou o chifre no chão foi um momento de arrepio.
Mas, segurou o carro e salvou o companheiro,
Emocionou o carreiro aquele boi teve brilho.
O preço que pagou foi ter seu chifre partido,
Também ficou ferido, só não morreu por um fio.

Ficou lá na fazenda, já não era como antes,
De seu chifre quebrado um peão fez um berrante.
E no lugar do chifre uma garrincha saltitante,
Fez ali o seu ninho na cabeça do gigante.
E pela natureza acabou suas andanças,
Não corta mais estrada naquele destino errante.
Deitado ele remói com o capim sua saudade,
De quando eram carregados Navio e Navegante.

MARGARIDA

Letra de João Cláudio

Margarida era moça na vila.
Bonita de cabelos dourados
Quando ela se mostrava a vista
Pretendentes ficavam vidrados.
E saia dançante pras casas

Seu rosto formoso era notado.
Como era bela margarida O
Ouvia e achava tudo engraçado BIS

Recebeu a proposta sincera
De Alguém com cabelos cor de prata.
Uma má influência que fez,
Da moça e o casamento em cascata.
Teve esse romance e mais outros,
Mas, a felicidade não veio.
E tendo perdido amor próprio
passou a brincar com o amor alheio BIS

Mocidade a idade lhe furtou.
Com a desonra que a precedeu.
E com lágrimas ela lamenta,
A decente vida que perdeu.
Os amores possíveis se foram
Todos outros ela esqueceu,
Esquecida que foi algum dia
pela esperança que ela perdeu. BIS

(ave de rapina)

há um deus opressor
transgressor autodidata
que agride corrompe maltrata
e nada lhe acontece

ídolo do mercado
vendido no atacado
não cabe numa prece

é o deus do momento
vive à sombra de quem lhe favorece
tem a mídia como monumento
-canais que sempre o enaltece-

autêntica ave de rapina
pousa no monturo da propina
e nem sente que o seu reino apodrece

(José Carlos de Souza)

(caminhos sem volta)

nada de atavios demodê
ou fios de infinitos degradês

no tecido espiritual do firmamento
os ventos sacodem o sol

e as estrelas viajam
caminhos sem volta

(José Carlos de Souza)

(o sol não se apaga)

não havia nada entre nós
nem música, nem dança
nossos passos trilhavam outros caminhos

com o passar do tempo
vieram as mudanças
e com elas a cumplicidade
e o entendimento

mudou de cor o cenário
ganhou vida as estações
acenderam-se as fogueiras
aceleraram-se os corações

agora anoitece
e o dia não acaba
escurece mas o sol não se apaga

(José Carlos de Souza)

CANÇÕES DE UM TEMPO TRISTE

(Dedico a Angela Varela, a Junior Dalberto, a Arievaldo Viana, a Aldir Blanc e a tantos outros e outras que foram levados pela Covid-19)

I

Nessa tarde há um silêncio doído
lá fora aonde não me arrisco.
Proibidas estão as ruas e as praças.
E também os abraços, os afagos, os encontros.
O meu café, sorvo-o sozinho.
Há um medo no ar.
Notícias tristes nos assombram.
Assombrações.
O invisível pode nos atacar a qualquer momento.
Aquele amigo, aquela amiga,
de que você tanto gostava, onde estão?
Precoces partiram.
E você nem pôde se despedir.
Melancólicos os dias que nos atravessam.
Mas a poesia, a leitura, a escrita
são companheiras de fé.
Acredito na palavra e na sua força.
Triunfaremos.

II

Não tenho a vacina que o governo negou.
Mas tenho-te, palavra mágica.
Vacino-me em ti que
nos imunizas da ignorância e da servidão

a falsos mitos.

Enquanto poetas existirem
a vida, mesmo frágil, agredida,
zombada, tripudiada, não terá sido em vão.

III

Choro os mortos desse Brasil,
e à sua memória lanço ao vento este canto.
Saúda-os, palavra amiga e diga-lhes que
não serão esquecidos.
A poesia não sucumbirá a este tempo de trevas.
E cobrará, na hora certa,
a fatura de tanta ignomínia.
Voa, poema, leve em suas asas
a mensagem da esperança.
Voa leve, e abrace-os,
aqueles que duramente partiram.
E diga-lhes: não se calará a voz da poesia.

(José de Castro, escritor e poeta)

Anjo Proibido

Cai o dia sobre mim
Vem a noite
A sombra risca um anjo,
Talvez um querubim

Tomo emprestado suas asas
Saio a procura do vento
Galopo nas estrelas
Do céu do teu pensamento

Como a fruta proibida
É tarde!
Procuro a saída
É tarde!
Não quero sair

Encontro tua mão
Que a minha mão encontra
Encontro o vão
Onde meu corpo se escora

Cai a noite sobre mim
Vem o dia
O sol clareia teu rosto
Você é um anjo!
Com certeza, meu querubim

Tomo emprestado teu corpo
Já não sei quem sou
Sigo a seta fico louco
Já não sei quem você é

Fada, anjo ou cupido
Apenas me deixa levar
Meu lindo anjo proibido
Estou condenado a te amar.

Juçara Villela

Filho da Rua

Sou filho da rua,

Me chamam: “carente”,
Moleque levado...
Mas sou bem contente

De dia me safo
Nos becos, esmola
À noite marquises
E o cheiro da cola

Sem eira nem beira
Sem objetivo
A rua é meu lar
Tem mais atrativo

Não tive de mãe
Ou avô, um carinho
Sina de moleque
É viver sozinho

Minha roupa é a mesma
Não há quem faça
Lavo meu calção
No chafariz da praça

Sou como passarinho
Aprendi a voar
Não quero que venham
Minhas asas cortar

Nem mesmo a sorte
Ou quem sabe o destino
Se engrace querendo
Da rua um menino

E venha chegando
De mansinho e grude
Comigo não tem!
Não dá, não me ilude

Sou filho da rua
Me chamam:”carente”.
Respeito é bom
Acordem! Sou gente.

Juçara Villela

Palavra

Palavra, teu nome é isca
Que vem e cisca
No tempo que eu procuro
E não encontro
No tempo meu

Pesco as ideias, os pensamentos
Nas noites mal dormidas
Quando eu rolo na cama
E não me conformo
Por não ter sonhado

Olho as paredes do meu quarto,
Abro as cortinas,
Deixo o ar entrar.
É como se ele tivesse
Cheiro de poesia
E nome de não sei bem o quê
Será que o ar
Tem nome de “PALAVRA?”
Ou será que a palavra tem nome de “AR?”

Ar que exala o perfume das flores
Ar que embala o seio das mães,
Que aflitas esperam
Seus filhos desabrochar
E a palavra soa: “TE AMO”

Será que a palavra tem nome de “SANGUE?”
Do povo que chora, que teme e se aflige,
Que perde o direito de ir e não sabe,
Se é cidadão e poderá voltar?
A palavra grita:”SOCORRO!”

Quero escrever, rabiscar o papel,
Deixar fluir o pensamento
Sair da abstração
Registrar o que sinto.
Passo a passo
Linha a linha
As ideias vão se entrelaçando
Como um balé

Mais uma dança, um toque, uma trança
Mais um café, um novo ato, um desacato

O tempo passa, eu não ligo
O relógio, testemunha do meu descaso
Denuncia meu tempo

Tempo que eu não tenho
No tempo meu

Quero escrever, quero buscar
Mas a palavra, onde está?
Será na isca
Que eu joga no mar dos pensamentos meus?
Então, palavra, teu nome é esse?

Te encontro dor,
Te sinto amor
Te vejo anjo, a me guiar

Ecoa a dor do pobre
Que sente fome
E vira número
Nas cifras de quem se alimenta
Com essa triste sina

Mas ainda assim,
Quero crer, em meio a tantos nomes
Algum se há de encontrar
Quem sabe alguém
Um dia enfim, no sorriso de uma criança
Possa descobrir que,
PALAVRA, teu nome deve ser
“ESPERANÇA”

Juçara Villela

”Cio da Alma”

Abro os olhos...
Um calor gostoso, envolvente,
a me percorrer todo corpo.
Busco a causa, nos lábios brota
um sorriso radiante, cumprimento o Sol
que pela janela invade meu quarto,
e sobre mim deita seus raios,
que me deixam deliciosamente
energizada...
Aquecendo e incendiando-me.
Suspiros...
Estremeço, preguiçosamente,
ligo o som, coração pulsante...
Fagner preenche meu mundo
com “Borbulhas de amor”...
Fecho os olhos, envolvida
por indescritível sensação
de enternecimento e prazer...
Deixo-me embalar pela melodia...
Suspiros... Desejos bailam...
Mergulho em mim...
Dividida entre a razão e a emoção...
“Pensinto”...
Prisioneira de mim...
Busco a ti para me libertar ...
Corpo aquecido... Sol cúmplice...
Alma inflamada, quase em chama
Que te clama...
Mãos tateantes te caçam...
Em quase convulsão, eletrizada...
Rolo sobre mim, Sol cúmplice...
“Cio da alma”
Que fecunda de desejos
expressa paixão...
Olhar refletindo
Anseios e querereres...
Busca os seus...
e neles mergulha
E se entranha...
Corpo assanha...
Olhos se fecham,
lábios, trêmulos,
entream-se...
E em estreita sintonia

depositam úmidos toques
nos lábios seus...
Arrepios...excitação...
As mãos, atrevidas
te acariciam...
Exploram insanas,
ávidas, querentes...
Mar de emoção...
explosão de sensações...
Sol, inflama a dança do desejo,
Se faz cúmplice da cavalgada do prazer...
Como encanto liberta o gozo do amor-paixão.
Arfantes...saciados...preenchidos...
Abraçados...Pertencimento...
Libertos prisioneiros ...
FELIZES...
O Sol aquece...
Corpo estremece...
Alma no cio vibra...
Livre voa...
Suspiros...
Abro os olhos...
SONHEI..

Juli Lima

ABAJUR COR DE PALHA

Apaguei as luzes

E nasceu um quarto iluminado...

Sobre o clima do abajur aceso

Essa paixão ardente se renovou!

Nossos corpos envolvidos

Novamente...

Revelados sem objeções

Pois, somos cúmplices nesse amor!

Sobre os toques, gostos e cheiros

Recusamos-nos experimentar os dissabores...

Só deixamos renascer...

Cada instante... de verdade... em verdades!

Coragem de olhar nos olhos

Vantagens ou desvantagens...

De “ler” esse sentimento

Sobre o clarão do abajur cor de palha!

Karine Dias Oliveira (Nova Friburgo/ Rio de Janeiro)

DELÍCIAS DE SER CRIANÇA

Gelatina colorida...
Criançada misturada
São sabores nessa vida
E se abraçam feito queijo e goiabada!

Igual paçoca se desmancham
Rolam e brincam na areia
Adoram histórias e as mentes não se fecham
Acreditam até em sereia!

Se lambuzam e não se importam
Mamãe briga e logo esquece
Sabe que as brincadeiras libertam
E por essa felicidade... agradece!

Correm e pulam dentro das casas
Fazem até a “cabaninha”
Lendo livros... criam asas
Brincam com as sombras na parede... com a lanterninha!

Sorriem até dormindo
Seus sonhos são de esperança
E, assim o futuro vai se construindo
Sem esquecerem de viver a vida de criança!

Karine Dias Oliveira (Nova Friburgo/ Rio de Janeiro)

O KARMA É UMA ESCOLHA

Por favor, quero agora saber:
Em essência... somos... bons
ou somente nos adestraram nisto acreditar?

Tal conhecimento seria p'ara todos ou não?
Mas, quantos importam d'isto, pois se saber?

Eu sei, eu sei!
Aqui é um inferno em que poucos se dão conta
E, para se ser feliz... tudo vale
Até a alguém prejudicar (ou mesmo o matar)

E no tempo...
«somos»... maus?
Ou, “apenas”, estamos... maus?

Nascemos... bons... então?!
Ser mal (ou, pior, ser mau)...
não é... “circunstancial”?

Ou ser mal (ou mau)...
é... “opcional”?

No que... no prazo do viver...
“escolhemos”... ser... maus
(sabe-se lá por qual motivo... ou por quê!)

E, portanto, ser mal (ou ficar mau)
é, na verdade... uma “escolha”?!

O qu'então vês, ó ignorante do mundo, da vida e do tempo?
Ora, se por acaso estiveres feliz...
certamente que não importa a ti suas dúvidas
a ti qu'em essência, não crês em Deus nem na eternidade

Ai! Mas que ninguém se iluda
Não, ninguém...
em achar que não teve... outr'escolha”

Teve sim, certamente que teve!
Ser mal (e ficar mau)... no tempo...
será sempre... uma “escolha”

E que ninguém s'esqueça:
Toda escolha acarreta... uma “consequência”

(Da semente que gerou... o que na terra lançou)
E, no caso de “optar”... em ser mal (ou mau)...
a infelicidade... será uma delas

Escolhas... predileções... preferências... opções...
a que se fizeram...
Não, não tenho pena... de ninguém!

“Cada pensamento que você tem é uma semente lançada no campo. O campo não escolhe o que vai brotar, o poder de escolha é seu”
(José Batista de Carvalho)

Kim MN

E SE VOCÊ PUDESSE CONVERSAR COM O TEMPO?!

“Nolite ergo esse solliciti in crastinum; crastinus enim dies sollicitus erit sibi ipse. Sufficit diei malitia sua”

«Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã: o dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado.»»
(Mateus, 6:34)

Sem ele decerto não há nada...
Nada, pois, se haveria
E tristes dos que ao contrário acham
Porém, dentro de seus peitos, quantos dormem
a que não o veem dar o fora...!
E quem te quererá – no instante d’agora - a não ser
quando demonstra que irá, pois... embora?
Destes tantos que mortos já estão
Embora a s’estar acima dos túmulos...
(e não dentro como os qu’então morreram em seu devido tempo)

E se você pudesse conversar com tempo...
O que a el’então diria?
Passado!... (quase que sempre)
Futuro!...(por vezes)
Presente?... (muito pouco, ou melhor, dizendo... nada)

Na verdade, vivemos todos – psicologicamente – somente de dois tempos:
Passado... e futuro

O presente...?

Enganai-vos... em se crer viver... o presente

Em verdade, ah! coisa rara estar-se vivo... para o presente

A suave brisa d’hora, oh! ninguém a reparou
As fracas nuvens no azul do céu, que pena! ninguém as notou
O ondular das vagas no mar, quem as viu?
A aquarela da d’alvora no horizonte, quem as percebeu?
Verdade que... ninguém!?

Mas, eis que chega um’hora em que o tempo cobra...
o presente que nos foi dado mas que o jogamos... fora
E destarte vivemos destes dois tempos que não são
ou que nunca serão nossos:
Um passado barulhento, a nos açoitar com nossas culpas,
arrependimentos, remorsos, rancores, dissabores...

E um futuro desconhecido e incerto, a nos iludir com mil ansiedades,
fantasias, planos quiméricos, angústias...
D’um tempo que ninguém garante que virá

E se você pudesse conversar com o tempo...!
Pergunto novamente...
Qual seria o seu tempo preferido?
Mas... não é mais o que fazemos: Conversar com “um tempo”?
Medo... incertezas... aflições... inquietações...

Medo, ah, o medo!
Seria um’humilhação à nossa mente?
Ah! Quem dera a nossa vontade imperasse sobre tal emoção?
Ao que, certamente para nada aproveita querer não sentir medo
já que fracos somos nesta cruel perturbação que nos domina
Ainda que o entendimento conhecesse de tal verdade

Mas, será que todo medo é ruim?
Não, nem todos... medos
Somente os que dialogam com a imaginação
E qual o pior... dos medos?
Sem dúvida, o medo de morrer
(Ainda que a morte não seja o mal, porém o sentimento
que nele habita)

Medo de morrer!

Da mente a viajar... vagabunda... para o futuro...

E a negar, mais uma vez... o presente instante (como sempre!)

E aqui eu me lembro do incrível John Lennon:

“A ignorância é uma espécie de bênção. Se você não sabe, não existe dor”

Onde nest’hora eu pergunto:

Temos o entendimento, mas sê-lo-ia o que nos faria melhores que os animais?

Quer mesmo saber?

Talvez aqui os animais nos superam:

Eles só vivem – psicologicamente - o presente

(E somente no presente tempo)

Não, não são como nós... “viajantes d’um irreal tempo”

Não vivem do passado... (menos ainda do futuro)

No que, portanto, nenhum animal teme a morte

E por quê?

Simplesmente porque eles “não pensam”... no futuro

Não se angustiam pelo dia de amanhã

Nem roubados são por nenhuma ansiedade do que será o porvir

Ao que nem sabe... o que seja mesmo a morte

Ah! Essas malditas religiões a que tanto nos adestraram

a ter medo da morte

E fizeram-nos, deste modo, conosco... em nome da “Esperança”?

Valha-me Deus!

Que filha da p. é essa tal “religiosa esperança”!

Mas, verdade seja dita:

Só se tem medo da morte quem viaja no tempo da imaginação

No que se angustia frente a um futuro sem nenhum seguro de que virá

Oh! Felizes os que vivem somente o presente d’agora

(Como os animais irracionais)

Mas... são tão poucos!

“Respicite volatilia caeli, quoniam non serunt neque metunt neque congregant in horrea, et Pater vester caelestis pascit illa. Nonne vos magis pluris estis illis?”

«Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais que elas?»... (Mateus, 6 :26)

Kim MN

O ETERNO MORA EM NÓS

Seria o tempo... curto?

Somos... tempo
Somos ventos... de milhões... de pensamentos
Variados... alternados

Seria o tempo... rápido?

Aroma da maresia... fumaças de cigarros
Brisas suaves... tempestades violentas
Sombras frescas... calores escaladantes
Odores das rosas...mal cheiro das carniças

Seria o tempo verdadeiro?

Contentariam os olhos se tudo fossem somente... jardins floridos
ou de su'imagem, pois... s'enjoariam?

Seria o tempo... ilusório?

Somos tempo
Somos sim
Oh! Mas, o que nele possuímos que seja realmente nosso
ou d'um único indivíduo qualquer?
Nada... nada... nada
Nem nossos corpos
Também não! Estes o tempo leva...
Ai que loucura o se crer que os temos!
Ó engodo da propriedade!
"Ter"!...
Haveria - no tempo - verbo mais frustrante do que ele?

Seria o tempo... nosso?

Deus nos criou... todos... nobres
Porém, o mundo quer... que sejamos pobres
O mundo quer que sejamos alheios ao nosso direito de nobreza

"A figura deste mundo... passa" (1 Coríntios 7:31)
E quem não sabe disto?
Ou, se sabe, parece que s'esquece?
Sei lá...!

Tempo... tempo... tempo
Quem aqui realmente o vê?

Quem de fato o conhece?

As imagens do mundo... e do tempo...

As figuras que vemos... no mundo...

Seriam nossas ou seriam somente do mundo... e do tempo?

Oh! O mundo também não quer que olhemos para dentro de nós

Mas, sim, somente par'ele

E por que?

Para percebermos apenas... o que passa

E iludir-nos a desejar a perenidade do que de nossos olhos foge

Ou, o que é pior, a aspirar a perpetuidade do que é mortal

E, portanto, ele não quer que olhemos para dentro de nós

No qu>então veríamos a própria... Eternidade

(E veríamos, também, a fugacidade de tudo o que está fora)

Somos tempo

Somos tempo... sim

Mas, que todos venham a saber:

O Eterno... mora em nós

“Alice: Quanto tempo dura o eterno?

Coelho: Às vezes apenas um segundo”. (Lewis Carroll)

Kim MN

1. MENINAS VOADOIRAS

Chão-limite

Pra elas pousarem

Depois de voarem

Por cima das casas e medos

Avançando por

Nuvens imaginárias

De algodão e lágrimas

Derramadas sobre a terra

Emergindo o aroma

Doce-fruta de mata.

Meninas crespas

Vestidas de vento

Nos céus a bailar

A canção das musas

Livres

Avistando bem do alto

Os pés dos incautos

Que acreditam serem o máximo

Uma pena!

Pois, só olham pra baixo,

Jamais pra cima

Nunca para os lados.

Meninas voadoiras

Pandeiros e folhas

Em mãos e cabelos

Singelas

Magricelas

Gordas

Alegres

Faceiras

Tão belas

São elas

Sempre perfumadas

Flores brotando

No espaço

Da própria liberdade.

2. QUIMERA

Tarde de sol opaco
Silêncio de barco atracado
Rio raso
Biguá solitário
Nó na garganta
Lágrimas espaças
Eu cá nas Minas-mares
Ela acolá destilando seu sotaque
Quase bahiano
Já choramos tanto
De amor e ausência
Eu e ela
Eu
E
Ela
Não deu par
Foi quimera.

3. AMÁLGAMA

Eu, peça fixa na tela
Você, tinta fluida no abstrato
Eu, paredes de cela
Você, lirismo nos passos.

Unidas luz e sombra
Nossa massa heterogênea
Rasgando os contratos, assombra
“Tudo nelas brilha e queima”

Costura em retalhos
Rio desbravando a dureza
Caminhos de vencer percalços
Pedras brutas contra a correnteza.

Resistência
Amálgama de amor e horrores
Sem máscaras
Transparência em mil cores.

Na rua, as putas sem eira nem beira
Em casa, as fêmeas derradeiras aconchegadas
Amam mais que tudo
Ganham o mundo, as que são mais amadas

Tá aí porquê o patriarcado se abala.

BELEZA, É MESMO FUNDAMENTAL?

Porque foi dito que beleza é fundamental
Eu não tomo isto como uma verdade
Cada ser humano tem seu jeito especial
Não importa as regras da sociedade.

Todos temos a nossa própria identidade
Um jeito único de ser, algo bem pessoal
Porque foi dito que beleza é fundamental
Eu não tomo isto como uma verdade.

Juntos, quanta diferença, nenhum é igual
Todos vivendo em amor e com dignidade
Onde está a verdadeira beleza, afinal?
No nosso jeito de ser, na nossa individualidade
Porque foi dito que beleza é fundamental!...

Lucas Louis Grauthier

SOMOS TODOS IGUAIS

Entre sonhos, tempos e contratempos,
caminhar de mãos dadas é essencial
E se vier o fracasso, o ideal;

É sempre apoiar à pessoa amada
Saber que estão na mesma estrada
Seguindo juntos uma direção.

Não esperar perfeição de quem amamos,

afinal somos todos iguais!

Lucas Louis Grauthier

O fim

Fim: momento ou ponto em que algo se interrompe, se parte, se separa.

O fim pode ser temporário ou definitivo.

O fim pode trazer lágrimas, mas também pode significar o começo de algo melhor.

O fim traz incertezas, mas nos tira da zona de conforto.

O fim traz questionamentos e algumas respostas.

O fim pode trazer angústia e também alívio.

O fim muitas vezes nos joga no chão, mas levantamos mais fortes.

O fim às vezes deixa ótimas lembranças, e só.

O fim às vezes deixa uma enorme vontade de voltar no tempo e viver tudo de novo.

O fim mostra que podemos ter errado em nossas escolhas.

O fim nos faz pensar que poderia ter sido diferente... ou não.

O fim pode deixar um gosto de “quero mais” ou um sabor amargo de “nunca mais”.

O fim traz aprendizados profundos.

O fim gera mudanças em nós.

O fim fecha ciclos importantes.

O fim desarruma, mas aos poucos tudo volta ao seu lugar ou nos leva para outro ainda melhor.

O fim nos deixa de luto.

O fim parte o nosso coração.

Nada é como antes depois de um fim.

Mas temos sempre que crer que teremos algo novo e melhor para viver quando a única alternativa é o fim.

Afinal, a vida é feita de inícios e fins.

Luciene Costa

Amor, tempero da vida

Com amor

A comida fica mais saborosa

O jardim fica mais florido

As palavras menos dolorosas

Tudo ganha mais sentido!

Com amor

As palavras não machucam

A vida tem mais graça

As distâncias se encurtam

É bom até passeio na praça.

Com amor
Conflitos são superados
Tudo ganha beleza
Medos são ultrapassados
A vida tem mais riqueza.

Mas esse tempero
É plantinha delicada
Precisa ser tratada com esmero
Precisa ser bem cuidada.

O amor não brota
Em solo de indelicadeza
O amor sempre desbota
Com o vento da incerteza

O amor não subsiste
Às geadas da indiferença
O amor também não resiste
Às tempestades muito intensas.

Então, cuide do seu amor
Com toda delicadeza
Para que suas raízes tenham vigor
Se aprofundem e ganhem firmeza.

Regue com palavras de harmonia
Limpe o terreno de asperezas
Adube o solo com empatia
E ele crescerá, com certeza.

Luciene Costa

Reconstrução

Somos inacabados, estamos sempre em construção, reconstrução...
Sempre há tempo para derrubar um muro, construir pontes e substituir adornos.
Trocar as cores das nossas paredes e, quem sabe, pendurar uma rede...
É bom substituir o piso que um dia nos fez escorregar.
Retirar os degraus que nos fizeram tropeçar.
Há sempre tempo de tirar as teias que obstruem o pensar!
Enquanto estamos vivos, há sempre tempo e espaço para mudanças, melhorias, limpezas...
Faz bem vasculhar nossas gavetas mais profundas, jogar fora mágoas e tristezas.
É bom trocar as vidraças quebradas pelas injustiças e desrespeitos vividos.
Deixar de lado, tudo que um dia foi sofrido.
Nunca é tarde para criar um jardim, regar as nossas flores e arrancar os nossos rancores.
Construção...reconstrução...desconstrução são processos essenciais, vale a pena permitir, melhor não inibir.
Sempre é tempo de abrir nossas janelas e deixar o sol invadir.
Iluminar os cantos mais obscuros, tirar o mofo da solidão e secar as lágrimas do nosso coração.
E quando menos esperamos, nosso sorriso brota,
Ao ver que a gente não mais se boicota.
Vemos que a reconstrução está sendo concluída com sucesso,
Apesar de toda a dificuldade no processo.
E quando vemos nossa casa interior voltando a ficar limpa, florida e com graça,
Constatamos que realmente, tudo na vida passa!

Luciene Costa - LuCosta

Volta às aulas com segurança

Por Marcos Pontal

As aulas presenciais voltou,
vamos ter cuidado,
porque a pandemia não acabou,
fazendo um distanciamento consolidado.

Não abraçar
e nem beijar no rosto,
em breve tudo isso vai passar.
E logo poderão beijar a vovó e o vovô.

Cumprimente seu amiguinho de longe,
e sempre limpe a mão
com álcool gel 70% e também
com muita água e sabão.

Não chegue perto do fogo,
se passou álcool na mão,
e não seja bobo.
Pense no seu bem e de seu irmão.

POEMA DE MARIA LUANA NUNES

A luz refletiu como um meteoro
naquela imensidão azul.

Ela sorriu.

Seria um fenômeno físico
ou a poesia subjaz que

os seus olhos jamais viram?

As águas são a física do poema

e as ondas as letras que ela

logo sentiu.

Foi um sentimento

que não deu pra decifrar

e uma visão do que há de mais belo

encantou o seu olhar.

No mais profundo da sua forma

ele escreveu:

como a estela pertence ao céu

a lua pertence ao mar

Ouçamos o som do vento

Ouçamos o som do vento,
Que vem murmurar suas tristezas,
Contar os segredos do infinito
E acalantar os nossos corações,
Relembrando-nos a doçura perdida
E a beleza dos nossos sonhos.

A realidade se dissolve
Enquanto somos contagiados
Pela beleza do inatingível
E desejamos alcançar tudo
Aquilo que dizem ser impossível.

Maria Cândida Vieira

O lobo

Uiva o lobo,
Saudando a lua,
Cantando sua solidão.

Maria Cândida Vieira

Até o infinito

Nós éramos capazes
De correr até o infinito,
Tentar buscar o impossível
E enfrentar o medo e a solidão
Que sempre insistiam em
Nos acompanhar, lembrando-nos
Que queríamos ver o invisível.

Se pudéssemos voar,
Buscaríamos tocar um
Ao outro, matando a solidão
Dentro de nós.

E nossos desejos seriam
Tão brilhantes como as
Mais belas estrelas,
Que nunca deixaram de
Iluminar as nossas
Noites mais escuras.

Maria Cândida Vieira

Liberdade

Voar sem medo
Rompendo segredo
Andar sem culpa
Inexiste fuga
Segurança, equilíbrio
Um novo estribilho
Com Deus, avante!!!
Abençoado rompante
Caem medos um a um
Receios? Não há nenhum
Ciganos estão comigo
Findou- se o perigo
Olhando para cima:
-Terra, como és linda!!!
Deus me ama, me protege
A gratidão é minha prece.

Maria Ventania

Prisões

Por certo haveriam flores...
Estrelas cintilam no céu
Escuro breu destas noites
De Maya soltaram seu véu
O olhar que busca, aflito,
Respostas à velhas questões
Fez da vida inócuo rito

Construiu em si as prisões.
Urge derrubar, reconstruir
Colocar força de vontade
O mal antigo deve falir
Para raiar Sol de integridade.

Daí com sinceridade crua
Respostas irão surgir, é fato,
Amor e paz na alma tua
Cumprem assim o mandato.
Alegria, eis o natural aspecto,
Daí o Homem tudo desvirtuou
Todo mal por si, retorna
À alma que sua Luz apagou
Ação provoca reação
“Efeito bumerangue”, se diz,
É verdade, a vida impõe,
Entenda isso para ser feliz.

Maria Ventania

Sempre (para Wilson Cordeiro de Assis)

Do que me cobriu a alma
Restaram farpas e lágrimas.
Percorri roseirais vermelhos,
Pés cansados, feridos... dores.
Não encontrava a saída.
Cada rosa cravou seu espinho,
Era da natureza daquele ser
Selvagem, sem carinho.
Alma triste, açoite perfumando
Mortes em seis marcas,
Sentei ao abismo, cismando.

Foi quando o anjo chegou.
Tomou de minha mão,
Olhou em meus olhos,
Tirou os espinhos um à um.
Seu abraço curou minha dor!
Deu- me flores silvestres,
Lindas, de delicado aconchego.
Estava novamente em casa.
O anjo é você!!!!
Sempre!!!

Maria Ventania

APARANDO ARESTAS

(Mario Roberto Guimarães)

Viver é um constante planejar-se,
Cumprir tarefas, marcar compromissos,
Sem se deixar ser lento, ou omissos,
Cezir do tempo o fio que se esgarce...

É não perder jamais da alma o viço,
Inda que, dela, o brilho se disfarce,
Fazer do verso espécie de catarse,
Sem no entanto esmorecer, com isso...

A vida toma o tom que lhe emprestas,
A colorir, assim, cada momento,
Conforme dela se aproveite a chance...

Independente de saber se alcance,
Ou não, o ser humano o seu intento,
Viver é ver-se aparando arestas.

CONSELHO E ÁGUA

(Mario Roberto Guimarães)

Se, porventura, te pedirem um conselho,
Atenta em saber bem se tal querer procede,
Se de bom grado ouve o que dizes ou se adrede
Ele apenas busca em ti o seu espelho...

Pode a palavra ter poder que se não mede,
Mas nem em tudo há de meter-se o bedelho;
Muita vez ouvi de meu pai, meu sábio velho:
Conselho e água só se dá a quem nos pede...

Pois há quem queira ouvir o julgamento teu
Acerca d'algo que a ele diz respeito,
Como forma de eximir-se ao resultado

Que por acaso possa ser mau ou errado...
Assim, acautela-te com o tal sujeito,
Pois o íntimo, cada qual conhece o seu.

LOUCURAS DE AMOR

Gostaria de eternizar aquela manhã em que o mundo parou e eu fiquei em teus braços...

Gostaria de te ofertar, beijos calientes, recitar um poema de amor, dançar de rosto colado, e sussurrando no seu ouvido palavras de amor, te mandar buquê de flores para colorir seu coração e vê-lo pulsar de alegria quando sentir o meu amor...

Gostaria que soubesses dos meus sonhos loucos, quando meu corpo treme ao te encontrar, e me leva a loucura quando sua mão toca minha pele...

Gostaria de ver seus olhos verdes sempre procurando os meus olhos, para que neste encontro de olhares, acontecesse uma loucura de amor!

E esta loucura aumenta quando me olho no espelho, e vejo a cor de seus olhos verdes no brilho dos meus olhos!

Maripenna

EU SÓ QUERIA UM AMOR ASSIM...

Eu só queria um amor assim...

Sincero para eu confiar e ter um lugar especial no seu coração...

Puro para que eu sentisse paz, para adormecer em seus braços...

Eu só queria um amor assim...

Que chegasse de mansinho e me assustasse de tanto romantismo...

Que na sua simplicidade ousasse coisas ardentes, que me desse um espaço em seus sonhos ousados!...

Eu só queria um amor assim...

Que de mãos dadas andássemos mansamente a um lugar só nosso e admirando as estrelas pudéssemos sentir o brilho da lua clareando nossos beijos...

Que de rostos colados ouvíssemos apaixonados a música dos nossos corações e bailando nos levassem ao delírio da paixão.

Eu só queira um amor assim...

Para caminhar na estrada da nossa vida e sentir o orvalho molhar nossas pegadas de amor!!!

Que no silêncio da madrugada, dois corpos rolando na grama trocassem beijos

ardentes e juras de amor! Tendo o luar como testemunha, de que eu achei este amor verdadeiro e tão simples assim!!!

Maripenna

COISAS NOSSAS

Quero te olhar, te ver sorrir e poder dizer,
Queria te dar a coisa mais especial que tenho,
E não tive coragem de desfazer de mim mesma,
Por tudo isto, acredite podemos ouvir a música
Nas batidas de nossos corações e dançar de rosto colado,
Sussurrando coisas que só nós sabemos dizer!

Maripenna

É Isto Que Me Seduz

Escrevo quando minh'alma transborda
Quando me invade essa paz de poesia
Quando algum sentimento me aborda,
Ou qualquer beleza em mim se irradia

Escrevo ao léu, sem nenhuma pressa
Trabalho a inspiração e a amadureço
Seguindo tudo o que meu eu expressa
E se não se completa, logo a esqueço!

Escrevo tal como quem conta um conto
Assim me permito aumentar um ponto
Em versos transversos, encantos de luz,

Verdades ou meias, a mim não importa
Mas sim o que a mente liberta comporta
Palavras ao vento, é isto o que me seduz.

Marise Castro

11/11/2020

Esperança

Era uma vez...

Uma criança

Por nome Esperança!

Esperança brincava,

Sorria, corria e pulava.

Mas vivia triste, e triste

Era o seu sorriso.

Porque não enchia a pança!

Enquanto outras crianças...

Faziam festança.

Lambuzavam-se

E estragavam a comilança!

Estas crianças faziam assim:

Não porque eram más; mas

Porque os adultos não ensinavam

A dividir, a amar e pensar...

Nos por menores!

Esperança esperava um dia ter:

A mesma alegria e ser amada.

Quanto sonho de criança...

Tinha Esperança.

De encher a pança

E participar da comilança!

Ah, Esperança! Doce anjo...

Menino, menina, criança...

Doce bombom da infância!

Mary Jun

Amazônia

A Amazônia é a alma da terra

Meio de sustentação para suprir

Seus rios e afluentes nas serras

Mas sua riqueza querem destruir

O homem ambicioso quer ferir

Cada vez mais fazendo guerra

A Amazônia é a alma da terra

Meio de sustentação para suprir

O meio ambiente, mas usam motosserra

Desmatando tudo, vamos refletir,

Não podemos aceitar; a mão que erra.

Os animais choram até exaurir

A Amazônia é a alma da terra!

Mary Jun

Orvalho da manhã

Há momentos na vida

Tão sublime, suave,

Orvalhado de sereno da manhã.

Borboletas voando

Nos - vai e vem.

Colibris sugando o néctar das flores...

Dourados de pólen!

Pássaros comendo...

Uma sinfonia deslumbrante

Tal qual Beethoven.

De repente, num rodopio...

Uma tempestade um furacão...

Tomado por ventos impetuosos

Tornando o doce do mel

No amargor do fel.

Tirando-nos do mais lindo céu!

Mary Jun

FRAGMENTOS NAS ENTRELINHAS

Sedução iminente aflorando
desejos adormecidos, anseios
causando desequilíbrio emocional.

Aquela idílica alegoria, hipnotizando corações
incautos, fragmentando alicerces de aparente
solidez. Aliança lapidada, agora devocional,
tendenciosa a naufragar. Cobiçada cumplicidade
dissipada pelos devaneios, dissolução opcional.

Direitos autorais reservados à
Maura Luza Frazão. São Luís/MA/Brasil.

ESTADO FESTIVO

Surpresas versus encantamento!

Mimos surpreendentes, felicidades
poético literárias Compartilhadas.

Celebrar meu nascimento, acabou reverberando
em renascimento. Nasci poeticamente através
duma essência. Conjecturas parcialmente ornadas
em natureza essencialmente afluada, desejos
de liberdade, inquietações, emoções partilhadas.

Direitos autorais reservados à
Maura Luza Frazão/São Luís.MA/Brasil.

VOLTANDO ÀS RAIZES

Voltando às origens
sentimentos em êxtase.
Um reencontro espiritual.

Imensurável emoção, voltando à saudosa
casa paterna, contemplando aquela rua
das brincadeiras da infância. Contextual
inspiração envolveu-me intensamente, pura
felicidade, celebração de natureza parental.

Direitos autorais reservados à
Maura Luza Frazão. São Luís/MA/Brasil.

TER AMIGO OU SER AMIGO?

Às vezes eu penso que TER AMIGOS é melhor do que SER AMIGO, porque cada amigo que temos traz um pouco dele pra gente:

Há amigos que falam feito loucos e nos ensinam a ouvir; há outros que quase não falam, e nos ensinam a falar;

Há amigos que reclamam de tudo, e nos ensinam a aceitar as coisas do jeito que são; há outros que não reclamam de nada, e nos ensinam o quão importante é lutar;

Há amigos que estão longe, muito longe, e nos ensinam a sentir saudade; há outros que estão bem perto, e nos ensinam a desejar que eles nunca vão embora;

Há amigos inteligentes, que nos fazem querer ser como eles; há outros não tão dotados assim, que despertam em nós o desejo de ser diferentes.

Há amigos jovens que nos deixam mais ousados; há os amigos velhos, que nos ensinam a ser cautelosos;

Há amigos que não gostam de sair de casa, e aprendemos a compartilhar com eles os pequenos prazeres caseiros da vida; há outros que não param em casa, e ficamos felizes em conhecer tantos lugares diferentes com a mesma pessoa que amamos;

Há amigos que comem muito, e nos ensinam a ser comidos; há os que não comem quase nada, e nos mostram como é importante cuidar da alimentação.

Há amigos que nos fazem chorar, de tanto rir, e outros que nos fazem rir, de tanto chorar.

É muito bom TER AMIGOS!

Não sei se tenho tantos amigos assim, mas os que tenho são extremamente especiais para mim: tenho amigas bem resolvidas, amigas super poderosas e amigas decididas; tenho amigos de infância e de profissão; tenho amigos-família e amigos-irmãos; Cada um deles, ao seu modo, ao seu tempo, tem me mostrado o quanto é bom tê-los perto - ainda que longe - de mim.

Nara Minervino

SOMOS GENTE IGUAL E DIFERENTE

Ser igual?
Ou ser diferente?
Ser um não é ser o outro?
Ou será que sendo o outro é que somos um?

Nem igual
Nem diferente.
Somos humanos!
Somos gente!
Falamos muito do outro
Pensamos pouco na gente.

Somos gente!

Gente que pensa
Gente que sente
Gente que chora,
mas, também,
gente que ri
do amanhã
e do agora.

Somos gente!

Gente que não se importa
com quem sai batendo a porta,
mas que fica com saudade
de quem vai e que não volta;
Gente que chora
de medo e de saudade,
mas que chora muito e bem mais
com o alto grau da maldade.

Somos gente!

Gente que acredita
no lado “mais bom” da vida:
na felicidade estendida,
no amor, na paz florida,
no encontro casual
e no amor animal.

Acreditamos em tudo
e de tudo duvidamos também.
O que levamos desta vida?
não sabe você, não sabe ninguém.

Somos gente!

Gente que não tem medo
de ser de tudo diferente
e também bem parecido
com muita coisa que é igual:

igual nos sonhos,
igual nos medos e,
por que não?,
igual também nos desejos.

Se é tão comum assim
sermos iguais e diferentes,
por que você me olha, então,
com olhar de crucificação?
Você não tem defeitos?
Pois defeitos tenho eu.
Você não tem virtudes?
Quão virtudes constroem o que é meu!

Eu grito.
Eu chamo.
Cochicho.
Remexo.
Requebro
e minto.
Eu salto
e desço do salto.
Eu brigo com desespero
e mergulho muitas almas
no profundo fundo do medo.

Mas quem foi que jamais na vida
não fez um pouco do que fiz?
Foi você que, em sua vida,
nem sabe bem o que é ser feliz?
Ou foi você que, de alma lavada,
fez já, também, muita coisa errada?

Você é tudo o que sou
como eu sei muito bem ser você.
Você sorri como eu rio
e chora tão bem também
como chora o meu bem querer.

Não me olhe com essa cara
de quem não entende o que eu falo.
Somos corpos separados,
mas de espíritos bem irmanados.

Eu te amo.
Você me ama.
E, assim, fazemos a vida:
com a sua e a minha diferença;
com a sua e a minha alegria.
Vamos vencendo a ganância
e enganando a cobiça.
Não importa se o meu corpo
anda na contramão do seu
ou se os seus pensamentos
não falam como falam os meus.

O que importa é que no fundo,
no íntimo de nossas almas,
somos um mesmo no outro,
e fazemos os dois esse mundo,
e, se em nossas diferenças
pudermos também ser igual,
não haverá nenhum dilema
que para nós seja anormal.

Somos gente!

Nara Minervino

DÚVIDA

Não há nada mais **D**estruidor e

Usurpador da alegria de viver do que alguém questionar

a nossa **V**erdade! Uma simples pergunta,

e tudo se torna **I**nsuportável para nós mesmos, deixando

Desolado o nosso ser, não pela dúvida,

mas pela **A**utoridade que perdemos em não sermos dignos de crença.

Nara Minervino

INSISTENTEMENTE

Neste dia,
mais um em que estás ausente,
intrigante e insistentemente
te vejo, te ouço, te sinto.

Fuzilo a tua lembrança,
enforco o teu sorriso e,
decididamente
acredito que não minto,
quando afirmo
que já te esqueci.

Mas este dia é
mentirosamente “atípico”,
como o de ontem,
o anterior
e todos os outros em que,
distráida e insistentemente,
te vejo, te ouço, te sinto.

De tanto fuzilada
e novamente aceita,
tua lembrança já não me respeita
e volta.

De tantas vezes enforcado
e novamente ouvido,
o teu riso já é descarado
e eu, ridícula,
quando pérfida e insistentemente
ainda afirmo que já te esqueci.

Odete Gonçalves

NÓS

Dois loucos inocentes,
adultos coerentes
e amantes irreverentes que:
quebram razões,
pulam anos,
retrocedem juízos
e rasgam espaços.
Ignoram medos,
zombam pressupostos,
desligam o sol,
acendem as estrelas
e amam ao luar.

Odete Gonçalves

ARRASO

Será que tu me foste um “caso”?
Um amante, namorado ou marido?
A julgar pelo total “arraso”
tu foste tudo isto e ainda mais amigo.

Odete Gonçalves

INÓSPITO

Talvez meu pensar ,seja torturante neste momento.
Tudo é CAOS.
Minha alma repleta de rumores insólitos.
Arrebatam o que sou.
O peso da consciência de tudo que vivencio hoje é massante.
Ver óbitos, ira angústias.
Dilacera-me!
Dilacera a história.
O que fomos,
O que somos.
E talvez o futuro próximo.
O inóspito tornou-se diário.
Como pequenas doses envenenando os seres.
Arrebatando milhares e milhares.
Silencioso.
Inóspito.
Mortal..
O CAOS se instala.
Mas não em minha alma ,mesmo dilacerando-me ,
Apenas sigo...
Arrebata
Aqueles ,que não sabem o que realmente é viver.
Viver em Paz.

Por: Patrícia Lewandowski

Casas e casinhas

Casulo , casulinho , casulão
É de borboleta ou de mariposão?

Bicho do cestinho
Onde vais agora tão apressadinho.
Se esconde no seu cesto rapidinho quando vê o menininho
Chegando de mansinho ,encostando o dedinho.
Ah, me acelera o coração!

Borboleta da cor violeta
Me parece espoleta voando...
Voando
Feito avião!
...Ou será tipo gavião?

A casinha é um cestinho
Ou bonito casulinho.
Feito por um bichinho de
Qualquer criação.

Passarinhos não tem cestinhos e muito
Menos casulinhos.
Vivem em lindos ninhos nas
Copas de um espigão.

Tem azul
Tem marronzinhos
Tem branquinhos também.
E eu amo todos os bichinhos
Como amo humanos também.

Que satisfação é para mim
Reparar em tudo assim.
O Observar me aquece o Ser
Iluminando-o sem fim.

Patrícia Lewandowski

CINCO POETRIX AO VENTO

De Paula Machado

01.

LEMBRANÇAS

No mar à deriva

Apego-me à tua poesia

Velejo contra o vento

02.

TRAVESSO

Tuas brincadeiras,

Versos.

Ri (mar) a vida.

03.

MADRUGADA

Frescor do alvorecer

Café, música, poesia

Meu pensamento em ti

04.

DE_LÍRIOS

Teu perfume absorve-me

Em pétalas macias,

Devaneio

05.

SEM ESCOLHA

Nessa imensidão

Lugar nenhum me cabe

Fugir para onde?

Paula Patrícia Machado. Remígio/PB, mora em Parnamirim/RN. Pedagoga, administradora, recém-apaixonada por poe^{trix}, aldravia e poesia minimalista em geral. @paula_poe^{trix}

EM BUSCA DA FELICIDADE

“Os homens que procuram a felicidade são como os embriagados
que não conseguem encontrar a própria casa, apesar de
saberem que a têm”
(Voltaire)

Ah! Buscar...
Fazer a diligência... por procurar
Até, finalmente... achar

Ao que dessa forma saímos ao encontro...
[do que, talvez... nem mesmo... sabemos
(Contudo, quanto a desejamos...!

Bom é...
Procurar... pela... felicidade

Melhor é...
Deixar-se permitir... que ela... nos encontre

Mas, que ninguém se iluda:
Faz-se preciso... por ela... merecer

PS:

Creio ser a Felicidade um presente... do Eterno e da Vida... no tempo
E só... deles
Querer ser feliz!
Quem não o quer?
No que assim todos nós igualamos

Mas, desejar ser feliz d'um “jeito” que nem a Vida nem o Eterno
[queiram é perder tempo... é esforço inútil

Talvez isto seja o que Cristo queria dizer:
“Como é difícil aos ricos entrar no Reino de Deus!” (Lucas 18:24)

E também o Salmo:
“Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam;
se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela”
(Salmo 126/127:1)

Quem tem ouvidos... ouça!

Paulo da Cruz

ORGULHO: O MAIS TOLO VÍCIO DO HOMEM

“Deposuit potentes de sede”
«Derrubou os poderoso de seus tronos”
(Lucas 1:52)

O que fala tod’hora... a voz... do Tempo?
Ouve, pois ó alma a que te afogas em teu torpor
A ti que desperta, perambula sem saber par’onde vai
A crer que serás sempre aqui... eterna

Então, acreditas ser poderosa e forte?
(A crer ser semelhante a Deus?)
Ai! se assim pensas, quanto, em verdade te iludes!

A força... dos homens... (fracos!)...
Dura tanto...
Quanto o vigor...
Da concepção quando vieram... a este mundo
Num momento de prazer... (ou não)... de seus pais
Cujo fogo se acendeu
Mas que de repente... se apagou
Oh, que pena!... morreu (tão rápido!)
Como a jogar um balde d’água fria n’aquele instante
A matar aquel’hora... em seu orgasmo
O que jamais se queria que findasse
Todavia... impossível foi evitar sua morte

E, assim, não importa quantos anos vivem...
Vivem pouco... ó fracos homens, não disto s’esqueçam
Na verdade, menos que um mísero segundo
(Comparado com o tempo da eternidade)
Um quase nada...

Portanto, oh! que ninguém se orgulhe de sua força
(Que, na verdade, é tão somente fraqueza)

Que o diga agora e sempre... a voz... do Tempo

Paulo da Cruz

AS PAIXÕES DO MUNDO: OS PIORES ENTORPECENTES NO TEMPO

“Algumas vezes o melhor jeito de convencer alguém
que está errado é deixá-lo seguir seu caminho”
(Mestre dos Magos - do filme “Caverna do Dragão”)

Que te seja o bastante a Verdade... e somente a Verdade
No que sobr'ela venhas repousar.. e gozar
D'alma cujo desejo é encontrá-la para, então, amá-la... mais que tudo
Todavia, qu'então alguém me diga: onde está... a Verdade?
Ou não seria, nest'hora, grande inocência minha por pretender dela
[precisar d'alguém para assim... sabê-la?

Nefasta mentira a que tão amada é!
Oh! Estariam esses miseráveis mortais equivocados pelo que amam?
(Ou creem que amam!)
Ou não saberiam que não era... verdade, sendo tão somente ilusão?
Neste mundo em que tantos gostam d'enganar os outros
Todavia, não querem que por ninguém sejam enganados...
Será???

Mas, seriam persuadidos pela verdade... ou, mesmo... pelo erro?
Ou não seriam nem d'um... nem d'outro?

Não, não tomarei o homem... por Deus
Nem a nenhum de seus filhos... (suas torpes e falsas divindades!)
Oh! Quem aspira à Verdade não deveria nunca se apoiar em
[nenhuma paixão nem a ninguém
E a nenhum tipo de “controle” sobre o pensamento e a razão
Seria, desta forma, s'extraviar do caminho da Verdade
Pela ingenuidade de s'entregar às vozes dos lobos do tempo

Ah! Buscai, pois o Amor de sua vida, porém sem aspirar o perfume
[das flores que lh'entregam...
Para qu'estes não lhe entorpeçam a mente (na inalação da fragrância
[de seu pólen)
E, destarte, buscai... a quem digno seja de ser amado
Mas sempre... com a vist'aberta (os olhos do entendimento)

Desordenada paixão... !
Chegando a tal ponto a cegar a tol'alma
Onde não enxerga as imundícies do que em alguém impregnado delas
[se acha
E, portanto, vê apenas o que com ela se identifica e se pareça
Contudo, jamais a sua verdadeira e real face
Lembrando aqui o que dizia o santo carmelita:

“No amor há igualdade e semelhança” (São João da Cruz)

Bem, para que melhor s>entenda, serei mais claro:
Quando alguém admira e se apraz com o mal d>outro é por que com
[ele se iguala (seja com o malfeitor, seja com o próprio mal)
Até por que só os injustos apoiam a injustiça e os que a praticam
E por que?
Simplesmente porque são iguais a ele
Sendo que não podem acusá-los (uma vez que têm teto de vidro...
[já que têm o rabo preso)

A paixão!
Oh! Quem sabe, o pior entorpecente... no tempo e no mundo
E, acaso estaria eu a falar... de amor ou romantismo?
Não, porque «o amor não é cego» (embora dele seja assim dito)
A paixão é qu'embaça a vista de quem apaixonado num>hora se acha

Convencer alguém a qu'está errado (para o bem dele, é claro!)?
Tarefa árdua ou, talvez, melhor se diria... impossível
Pelo menos, enquanto encarcerado s'encontra por algo... ou,
[principalmente... por alguém
E, destarte, vai-se a miserável alma... enganando... a si mesma
(Já que, obviamente, se deixa engodar ao que tão apaixonado s>está)
D'aquela que, enquanto destarte o for terá sempre o gosto em seu erro

Política... políticos... salvadores da pátria... grupos partidários...
Religiões de respostas fáceis... gurus espirituais... curandeiros... falsos
[profetas... «teologia da prosperidade»... seitas...
Ideologias... donos da verdade... doutrinas exóticas... filosofias
[sofísticas... escolas de pensamentos...
Até mesmo esportes da mídia... (principalmente... o futebol)
Qual dentr'eles ser sua maior... paixão?
Qual você defende a unhas e dentes?
Com qual você perde mais o seu sagrado tempo?
Por qual você entrega a su'alma?

E, alguém já reparou que só naquilo que alguém assim ama... está o
[certo e único verdadeiro?
O resto é tudo mentira... falsidade... heresia... blasfêmia... oposição...
Ah! Estes amantes fundamentalistas... em tal grau fanáticos!
E muitos até se orgulham deste modo... o serem!

E, assim, por mais que se mostre ao apaixonado a qu'equivocado s'está
[ou, ainda que lhe apresente os erros de seus ídolos... ele não acredita
E, de form'alguna... aceita a realidade dos fatos (ser corrigido)
Chegando a odiar a quem lhe pretende libertar das mãos dos patifes

[e safados que o tapeiam... (e que, portanto, tapam os seus olhos)
Preferindo tais canalhas a ele... rompendo, então, aquela antigamizade

Não, ninguém o convence!... ninguém mesmo!

A preferir... oh, que pena! ser aqui para sempre... enganado
Indo para a cova sem ter conhecido e, menos ainda, amado...

[a Verdade

PS: Peço desculpas se alguém achou que eu iria falar de amor, por ter usado a palavra «paixão», mas que entendam: A mesma palavra pode ser usada para outro sentido.

Paulo da Cruz

AUTÔMATO

Eis-me aqui
Olhando para o horizonte
Sem saber aonde ir
Minhas pernas fraquejam
O cansaço domina meu corpo
Minha mente
Encontra-se perdida em pensamentos
Sonhos idealizados
E não concretizados
Meu comodismo é tanto
Que chego a aceitar
O fracasso com resignação
Preferindo ser vencida
Pelo tempo e pela vida
Do que libertar-me dos grilhões
E do pesado fardo das decepções
Sinto que estou submergindo
Cada vez mais
No poço sem fundo
Que eu mesma criei
Onde guardo meus fantasmas
Meus medos e poder de decisão
Sinto que estou perdendo
Minha identidade de ser humano
Consciente e racional
Estou tornando-me
Um ser autômato e irracional.

Raimunda Gonçalves

Motivos

Com você
Sinto-me à vontade
Meu sonho
Vira realidade.
Em você encontrei

Um ombro amigo
Um confidente e conselheiro
Um amor verdadeiro.
Encontrei namoro na praça
Beijos no portão
Divã para os problemas Busca de solução.
Encontrei abraço acolhedor
Beijos ardentes
Sem juras de amor
Em você encontrei
Afeto em cada gesto Desejo no olhar
Mil e um motivos
Para te amar.

Raimunda Gonçalves

Direcione seu olhar

Olhe para frente
Para saber onde está
E planejar com cuidado
Aonde quer chegar.

Olhe para trás
Para lembrar de onde veio
Lembrar do que passou
Evitar os erros do passado
E por onde for espalhar amor.

Olhe para baixo
Para não pisar em ninguém
Caminho confiante
Crendo que Deus te quer bem.

Olhe para cima
Para lembrar que Deus é amor

Que ele cuida de tudo e de todos
Que a ele devemos louvor.

Olhe para os lados
Observe ao caminhar
Veja quem lhe apoia
E quem você precisa apoiar.

Olhe para dentro de você
Sonde sua emoção
Conhece a si mesmo
Aja com coração
Sem esquecer a razão.

Raimunda Gonçalves

JULIÃO, O SAPO CHORÃO

Julião vivia na lagoa
Lá no sítio de tio João
Pele verde, olhos pretos
Ele era muito bonitão.

Julião queria namorar
Com a sapinha Severina
Mas ela só queria viajar
Viver com muita adrenalina.

Um dia Severina viajou
Foi estudar Moda em Paris
Julião ficou na lagoa
Chorou, chorou, entupiu o nariz.

A saparia começou a chamar:
Julião, o sapo chorão
Ele não gostou, saiu da lagoa a cantar
Não sou chorão, não.

Julião parou de chorar
Foi estudar
Severina voltou
Os dois são puro amor.

Rita Queiroz

Natural de Salvador – BA. Professora universitária, filóloga, poeta. Autora de 5 livros de poemas para o público adulto e 5 livros para o público infantojuvenil; organizadora de 8 coletâneas. Integra os seguintes coletivos: “Confraria Poética Feminina”, “Mulherio das Letras” e “Coletivo de autoras de literatura infantojuvenil da Bahia”; além de fazer parte das seguintes academias: AVAL, AILB e ACILBRAS.

MENTE FOTOGRÁFICA

Minha mente fotográfica
instantaneamente revela
que no mar da imaginação
navega um barco sem vela.
Flutua na imensidão do mar,
foge dos monstros marinhos,
se esconde dos cargueiros,
e dos que levam passageiros,
prefere sempre estar sozinho,
disfarçado de ilha, ou jangada,
ou se camufla atrás das rochas:
Mas o minúsculo barco sem vela
não conseguiu sair do foco
da poderosa mente fotográfica.

Roberto Jun

O DIA ESTÁ AMANHECENDO

O dia está amanhecendo,
Vejo o Sol já aquecendo
É hora de levantar.
Vou pegar meu enxadão,
Correr lá pro mangueirão
E catar minhocas pra pescar.

Depois busco vara e anzol
Que estão lá no paiol
E mistura pro almoço vou buscar.
Vou deixar estes versinhos,
Que fiz com amor e carinho
Para meu amor ler quando acordar.

Roberto Jun

...VERDURAS E LEGUMES

Amor, fui ali na nossa horta,
Colhi verduras e legumes.
Deixei-as bem perto da porta,
Sinta só quantos perfumes.

Enquanto elas descansam,
Vou correr até o pomar.
As frutas que as mãos alcançam
Certamente as vou pegar.
Então, volto correndinho,

Para te ajudar com o almoço.
Quero dar-te mil beijinhos,
Como no tempo de eu moço.

Bem mais tarde minha amada,
Na rede nós vamos nos deitar.
Enquanto ouvimos a passarada,
Aproveitamos para namorar!

Roberto Jun

Asas da poesia

Em um instante

Crio asas

Que desafiam a gravidade

Voam no céu azul

Céu azul liberdade

Descubro novos mundos

Cruzo fronteiras

Desbravo o universo

A infinita fronteira

Em um momento

Viajo ao vento

Nas asas eternas

Do pensamento

Combato a tirania

Com o grito atrevido

Da poesia

Desafio a opressão

Com palavras

Que desafiam o canhão

Velejo em sonhos

A nau emoção

Desbravo as ondas

O mar coração

Transmuto as letras
Transformo em poemas
Que mudam vidas
Vivem dilemas

Vivo o verso
Vago na rua
Declamo na noite
Na luz da lua

Quebro correntes
Liberto meu povo
Planto a semente
Um mundo novo

Na estrada
A grande magia
As asas livres
Da poesia.

Robinson Silva Alves

ETERNA APRENDIZ

Já mulher madura

Lembra bem da encantada Vovó

O Amor, o tempo costura

ODE VEGETAL EM SURREAL MÃO INDÍGENA

(A Vieira sem viés colonizador)

Na Árvore, da raiz ao fruto

- Arco, barco, casa, comida -

Gratidão por tudo!

PASSEIO EM PRAIA DESERTA

(Com cadelinha shih-tzu)

toma, toma

o mandu é teu!

esca_fedeu

Ronaldo Ribeiro Jacobina

UBUNTU

(Lição das Crianças Africanas)

Correm para ganhar doces

De Mãos dadas os concorrentes

Todos vencedores em uma só corrente!

MARINA: TERNA MENINA

(Para Marina Barbosa, Quilombola de Tremedal - BA, acadêmica de medicina)

Tem Mar no nome

Mais ainda: com Menina

Eternamente rima

Ronaldo Ribeiro Jacobina

Serenatas molhadas
Rosangela Mariano

Pés
descalços
encantam
a chuva...

Riem
as árvores,
gargalham
as pedras...
... e a tarde morna
cala-se
em suaves
suspiros...

... e o menino
dança (!)
seu balé
mais azul,
mais gracioso...

- Serenatas molhadas...

Nome do autor: Rosangela Mariano

Biografia:

Rosangela Mariano é formada em Letras (Português/Literaturas) pela Unisinos, RS. Faz parte do site Artistas Gaúchos. Em janeiro de 2021, o poema *A magia de Natal* recebe Menção Honrosa pela Revista Inversos – BA. Escrever é uma grande paixão!

morreram as pedras
mas que bobagem
elas não morrem

e se eu te disser
que sim, elas se foram
nas minhas mãos rios correm
lágrimas de saudade assim dizem
também te mataremos à ordem

rosângela trajano

A SAGA DO HOMEM DE BEM

Rub Levy

Nasci no nordeste seu moço,
No sertão de Abricó,
Comi cangulo e farinha seu moço,
Fome dói que dá dó.

Fui criado descalço seu moço,
Pé no barro e pé na roça,
Até hoje sinto doutor,
Um comichão que me coça.

Meu pai pegava enxada doutor,
Dizia vamo e nós ia,
Ele e a filharada
Que fez mais com Maria.

De todos só quatro vingaram doutor,
Na trilha pra fugir da sede
Que a seca cavou pra gente.

Já na cidade grande doutor,
Dois foram assassinado
Sobrando só eu mais Duardo.

Daí que fui pra escola doutor,
Aprender o be a ba,
Aprendi tanto seu moço
Que vivo hoje a versejar.

Na escola da vida me inspiro doutor,
Pra modo de escrever meus versos,
Tão bonitinhos seu moço, no papel,
Que chamam literatura de cordel.

7º lugar concurso poesia Conservatória 2016

OKREC.

VOZ DERRAMADA

Rub Levy

Quem quer saber de poesia
Se tão áspera é a vida?
Para que doces palavras
Se quem manda é a milícia?

Poesia? Ai que me persegue!
Poesia não é comida!
Poesia não mata a fome!
Tão pouco enche a barriga!

De que me serve a poesia
Se para o crack já perdi
Meu filho e minha filha?

Ai que essa dor atroz
Me chora e me sangra!
Eis aí meu drama!
Só ouço minha própria voz quando
Na poesia se derrama!

EU AMIGO BARBEIRO

Rub Levy

Conheço um motorista barbeiro,
Papo reto, papo maneiro.
Pendurou o volante mas
A navalha continua afiada.

Veio do Ceará de Sobral
Tentar a vida no Rio.
Gostou tanto do litoral

Que arrumou mulher e filho.

Pelas ruas dirigindo um busão
Cruzava com seus colegas
Vindos em outra mão.
“Vai lá barbeiro!”; gritavam então.

Ele sorria acenando
Pra aquelas brincadeiras,
Mas a passageirada assustada
Tremia nas cadeiras.

Especialista na direção,
Cabelo, barba e bigode,
Nunca mais rumou para o norte.

“No sul encontrei meu lugar”
“Aqui sou feliz!”
Aparando minha barba
Assim ele diz...

VERSOS MUDOS

Revirei nossos mundos

A procura de amor

Encontrei versos mudos

Em melodias de dor

Caminhei em madrugadas

Sentindo a perda me ferir

Tantas fantasias preparadas

Tantos desejos pra sentir

Uma ventania iludida

Num trajeto de perdiz

Deixou-me ofendida

Fazendo-me infeliz

Por que persisto?

Não sei dizer

Sei que insisto

Em não te perder!

Sandra Laurita

SAPATOS NOVOS

Um dia sonhei com sapatos e mamãe sempre dizia:

- Isso não é bom, é sinal de morte.

Mesmo assim procurei ver de outra forma.

Se o sapato é de cristal, acho que é sinal de encantamento,

como num conto de fadas, onde o príncipe procura pelo «pé» ideal, ou, seria par ideal?

Sei lá, passei o dia a sonhar que algo bom iria acontecer,
por que sempre pensar o pior?

Também a morte a qual mamãe se referia poderia
simplesmente ser o fim de minha tristeza,
e a imagem dos sapatos, o início
de novos caminhos a serem seguidos.

No outro dia, comprei sapatos novos!

Sandra Laurita

Ser oculto

Um suspiro tão distante

Feito uma chama

Fino e clamante

Por quem clama?

Faz-se uma pausa

Quase um alento

Surge uma sombra falsa
Por que se esconde nesse momento?

Agora um vulto ronda
Se define mais presente
Vem e vai feito uma onda
Por que se torna assim ausente?

Cessou todo o suspense
O suspiro; a sombra; o vulto;
Era um ser sofrido e ai quem pense
Preferiu do mundo tornar-se oculto!

Sandra Laurita

SE EU TIVESSE

Se eu tivesse o poder de voltar o tempo, não deixaria que te machucassem

Se eu tivesse o poder da cura, curaria com amor

Se eu tivesse poder estar lá, eu diria você é importante

Se eu tivesse o poder de fazer acreditar, gostaria de te salvar

Se eu pudesse ser uma brisa, te daria paz espiritual

O meu único erro foi o SE

Conjunção condicional, sem condições, assim

Desculpas existenciais para a próxima encarnação

A carne guarda as dores, as emoções, as satisfações

Até logo mais ali, próxima encarnação enfim

Espero, estejamos no lugar certo

Sheyla Andrade é professora/mestra em Geografia, mulher, poeta, escritora e mãe. Também gosta de ser chamada Cheila Amanaiara. Natural de Lagarto/SE, e residente em Aracaju/SE. Em suas poesias de protesto as temáticas são: mulherização, existencialismo, naturalização, ancestralidade e crítica ao sistema.

A Companhia das estrelas

Sempre é bom

Apreciar uma noite estrelada

Dialogando com o vento

Do luar!

O encontro com o universo

Toca meu coração

Complementando os sentimentos

Que outrora estavam em decadência

Os simples momentos

Alimentam o amanhã.

Revigorando a existência.

A vida pede mais simplicidade!

Sirineu Bezerra de Oliveira

Verdes Carnaubais

Socorro Guilherme

Açu, já foi a terra dos
Verdes carnaubais, hoje
Fico triste ao ver que
Quase não existem mais.

O rio quase morrendo
A devastação ambiental
Acontecendo e os
Pássaros correndo.

O solo ficando nu,
A erosão ocorrendo
O leito do rio a
Secar como é triste
Lamentar.

A vegetação nativa a
Sumir, o sol a
Queimar, o ser humano
A devastar, o céu
Aberto a terra dos
Poetas irá ficar.

Açu já foi a terra
Dos verdes carnaubais
Que hoje quase

Não existem mais.

Só ficamos a lamentar
Dos olhos uma lagrima
Rolar e do solo
Árido nu a semente
Da esperança irá
Brotar a cada
Inverno que chegar.

Devastação Ambiental

Socorro Guilherme

Olho os animais sofrendo
Pássaros morrendo, abelhas
Envenenadas , pragas
Combatidas com o uso
indevido de pesticidas.

Animais a correr, o fogo
Ao se aproximar faltando
Oxigênio no ar todos os dias
ao despertar a fauna e a flora a morrer.

a seca castigar solo nu a ficar
como um deserto do mar
Lágrimas caindo sem querer a
inocentes a morrer a cada novo
Amanhecer a lua e o céu surgindo.

O fogo imenso a queimar sangue inocente
Derramar gritos de dor no ar o fogo
A se propagar a fumaça se levantar
Feito um furacão a devastar ate onde

a ganância humana nos levará.
Com a natureza não se deve
brincar, nem muito devastar.

Homenagem a todas as mulheres

Socorro Guilherme

Nós somos as mulheres que clama e grita
Cheia de esperança por um mundo melhor.
Sem violência nem guerra sem machismo
Nem opressão, apenas alegria em cada coração.

Nós somos as mulheres, que saem as ruas
Para defender as vítimas da violência.
Brutal de um mundo desigual.

Nós somos as mulheres, fortes o bastante para
Lutar pelas injustiças sociais contra a
Discriminação de cor, raça, sexo
Que as vezes sociedade oprima e machuca.

Nós somos as mulheres que jamais irá se
Cansar, de batalhar e lutar pelos seus direitos
Mesmo que as vezes tenha que chorar.

Nós somos as mulheres, as vezes julgadas
Em vão, mães, companheiras de coração
Mais jamais nos conformaremos com a
discriminação.

Nas mãos trazemos uma oração na voz
Uma canção, no sorriso a chama da
Paixão e no peito aberto um enorme
Coração.

Com vontade de lutar e querer
Vencer todas as dificuldades
Que nesse mundo aparecer.

Sonia Regina Rocha Rodrigues

Santos - SP

reginarocha2005@gmail.com

1

Ando por muitos países,
livre como um passarinho;
meus pés não criam raízes,
mas sempre retorno ao ninho.

2

Na tristeza e na alegria,
no trabalho ou no lazer,
espantando a nostalgia,
a poesia traz prazer.

3

O lótus nasce do estrume,
Do lodo, da podridão;
Transforma tudo em perfume _
Paz oferta ao coração.

4

Foi para o campo o migrante.
Sonhador, plantou, colheu,
E hoje é parte integrante
Da terra que o acolheu.

Helena...

Helena tinha uma cara de espuma
uma narcisista indiscutível.

Eu gosto do vento dela que fermenta a sua fortaleza
ornada de ouro e bronze de barro puro
que fazem desesperar
pelos melhores monumentos que a terra já abarcou

os seus olhos de bichos
que mais cegam do que civilizam
nascem árvores de rochas que enriquecem blocos do canibalismo masculino
electrificadas de aves alienígenas
que migram para cervejarias de calças toscas

Seus murros de soldados de algodão
distribuem aromas de batuques fendidos
com implicantes festas e axiomas de sucesso possessivo

mas Helena não é uma criança circunspecta
que se farta de biscoitos e barras de gelo no subconsciente marginal
lampeja as ancas com discursos floridos
onde as ondas de brumas

ensaiam um canto trigueiro com auras de vales do intemporal.

Dados Biográficos

Stélio Maperre, nasceu na cidade de Maputo, capital de Moçambique, em Julho de 1978.

Tem extensa colaboração nas revistas e jornais nacionais desde 1999.

Venceu a “Primeira escrita” no âmbito do concurso de poesia denominado “A Palavra” promovido pela UNE (União Nacional dos Escritores) em parceria com o Instituto Cultural Moçambique Alemanha (ICMA), na sua edição de Novembro de 2005.

Publicou em 2015 o seu livro de estreia em poesia denominado “Lágrimas do Desencanto Cósmico”, chancelado pelo Ministério da Cultura através do Fundo para o Desenvolvimento Artístico e Cultural (FUNDAC) com uma tiragem expressiva de mil exemplares impressas.

Enfrenta deficiência auditiva desde 1993 embora não seja surdo.

E-mail: ocsinat.services@gmail.com

o meet é uma tentativa de lazer
parece um rádio sem pilha
dentro tem um riozinho
que anda sem foz

[tania lima]

Se Jesus Cristo
fosse Índio
a hóstia
seria tapioca

[tania lima]

«Pero jamás podréis prohibirnos que nos riamos de
vuestra necesidad, la clásica necesidad de todo asesino»

“Yo, Ulrike, grito”.

No quiero involucrarme en ningún partido
es como dejar que me pongan
un perfume barato
para complacer a los hombres de la mesa
verles los dientes con sarro
los ojos titilantes
de tanto alcohol e insomnio
y no poder decirles
“me ha dado cuenta”
confrontarlos con ellos mismos
alumbrarles la penumbra
donde suprimieron su último
estertor de asombro

Prefiero ser la indecisa
la que no sabe lo que se pierde
la “demasiado niña”
para incidir en la vida pública
al estilo de Platón
o Aristóteles

Yacer en el hueso fracturado
que deja la macana del policía
que lleguen por la espalda
a taparme la boca
a decirme “te llego tu hora,

antropóloga de mierda”
todo es preferible, las mil veces,
que despertar a las 4 a. m.
a observar que me ha brotado
el sarro
y me tiembla
el ojo
porque una yo de 10 años atrás
dijo ya muy tarde en sueños
“me he dado cuenta”.

Valeria Mendoza (2000) es originaria de Tapachula, Chiapas. Pertenece al área de cuidado editorial de Ala Ediciones. Ha sido publicada, en los géneros de poesía y narrativa, en revistas impresas y digitales de México, Francia, Brasil y Argentina y en el libro *Primera Antología de Narrativa Chiapaneca “Fulgor Púrpura”*.

LAÇOS

Você se parece tanto comigo
Quando te contemplo me vejo,
Num ponto distante, perdido
Não sei quem sou, quem é você,
Em teu corpo meu endereço
Sabor proibido que visto.

Meu pensamento voa à toa
Sinto que você é a pessoa
Nos extremos em que existo
Sem segredo, resisto me rendo
Você é meu lado do avesso
Quanto mais te conheço mais me perco.

Pode parecer destino, devaneio,
Você é a metade do meu inteiro
Laços entrelaçados entre nós.
Sou razão, você, chuva de verão
Sou a melodia; você, a voz
Transitivos acordes em comunhão.

Se estamos juntos me esqueço
Não há promessa que sustente
Vence o nosso acaso e sente.
Por isso deixo aqui meu recado
Tatuado na pele que identifico
Se você me encontrar, eu aconteço.

Valéria PISAURO

MARÉ CHEIA

Teus olhos maré cheia,
Sete cores e canteiros,
Em teus cabelos arco-íris
Se bronzeia a lua cheia.

É Yara que canta na areia
Oferenda, flores pra Iemanjá.
Beira-mar, é minha sereia
Iemanjá dançar, dançar, dançar ...

Sete ondas e andores,
Encantada guardiã
É Senhora de louvores,
Navegar até de manhã.

São perfumes, são tambores,
Incendeia a crença, a paz,
Banha fundo em minha alma,
Sou seu navegante audaz.

Luz que clareia maré cheia
Faça do meu canto e terá,
Cativo do teu encanto
De tanto te encantar.

É Yara que canta na areia
Oferenda, flores pra Iemanjá.
Luz clareia faça do meu canto
Encantado de tanto te encantar.

Valéria Pisauro

MARGEM

Das palavras escolho a fonética
Sons graves do céu da boca
Que dissolve em salivas nuas
Trafega em rima atrevida
Letras que mancham o papel.

Prefiro reticências e plural
Que desnudam a aparência
Sem permanecer, sou literal
Brindo com os substantivos
Do coletivo e ao individual.

Permito a palavra que procura
Rimar sóis, luas com sertão
Tinta de cores carregadas
Rasgar o silêncio da pausa
Tudo escapa sem interrogação.

Alheio leio, releio meu ser,
Páginas abertas, métricas
Anoto para não esquecer
Sou rodapé do que escrevi
O que experimentei, não senti.

E, assim de folhas em folhas
Desfaço-me dos versos que não li
Na vírgulaafiada sou traça
Que traça a obra por acabada
Página incompleta de mim.

Valéria Pisauero

Milagre da dor - Veronica Stivanim

O milagre da dor,
Acontece nas minhas inconstâncias.
Eu me dissipei,
Em pedaços de vivências.
Se fosse essa noite,
Eu faria diferente.
Mas a inconstância,
Faz parte da gente.
Fugi de pintar outro quadro,
E paralisei as canções.
Mas eu não posso fugir de mim,
E pinteí outras paixões.
O milagre do nunca,
Sempre me disse sim.
O amor é para raros,
Eu sempre morro antes do fim.

Carta de esperança

Há em nós dois um grande amor, um verdadeiro amor que...

... Não é imposição nem exigência, muito menos uma trama. É respeito à individualidade do outro como vida, eterna proteção, e solidariedade, doação, crescimento.

A essência da natureza humana constituída do mais puro amor, do amor de ontem, hoje e amanhã, é uma eterna busca que muitas vezes só se alcança após a morte.

É um gesto sábio oferecer a flor de um amor verdadeiro a alguém tão sincera, pura, especial como você.

O milagre da vida tem proporção tão grande que nos torna partículas infinitamente pequenas diante do ideal de paz. Porque o homem, que se achava tão civilizado, faltou à aula mais importante, que tratava de civilidade, humildade, honestidade e do amor...

Se é verdade que faz parte da preciosidade, humanamente falando, o que de mais precioso é o que sinto por você, é você!

Eu quero poder te encontrar e ser feliz mesmo que para isso o mundo pare de girar, lembre-se acima de tudo existe um Deus onisciente, presente no passado, no futuro e no presente, não ausente em nossas vidas. Depende muito de nós, resistir, sorrir e amar sempre...

E por fim acreditar!!

Walter Cintra de Souza Lima

(TCintra)

Chuva de indriso

Pingos de chuva comum,
com as palavras vindo após
o sol se esconder nas nuvens.

Despertar com a goteira que na árvore,
mostra-se honestamente no caminho,
rumo ao oceano da vida colorida.

Palavra levada pelo borriço das nuvens pequenas.

Exorbitância feito gente exuberante com seus guarda-chuvas.

Walter Cintra de Souza Lima
(TCintra)

Certeza

No dia claro e na noite escura,
sinto medo do mistério sondado por você,
vejo o segredo da razão
entre o corpo e o chapéu
daquele poeta que está
sorrindo com o tempo passado,
dando um grito de vencedor.

Porém chove muito,
só reconheço você na foto deixada pra trás,
molhada nas mentiras condenadas,
desejada nas canções que te fizeram feliz,
olhando nas estrelas do outro dia, o sol que ia nascer ,
trazendo uma força mansa como os mistérios
jamais entendido por você.

Eu vou à certeza, com o amanhecer,
deixando na lama o maior prazer,
livre e sem medo dos anos que ficou esquecido,
dos segredos guardados no cofre do seu coração
dilacerado pelos amigos nunca mais vistos.

Os defeitos são para serem compreendidos
e não vendidos por algumas horas de relógio;
o pão é de cada dia, assim como
o dia é de todos nós.

Walter Cintra de Souza Lima
(TCintra)



Zé Franco (José Manuel Francisco Franco), que, como pseudónimo, responde por MASOJI, poeta, nasceu a 31 de Maio de 1996, em Malange, Angola. Técnico Médio em E.M.C (Educação Moral e Cívica) e Língua Portuguesa no actual MCRA – Magistério de Ciências Religiosas de Angola, na altura Instituto de Ciências Religiosas de Angola – ICRA Regional/Malanje, pelo que é professor. É desde cedo que vive o seu interesse pelas artes, especialmente a Literatura, por meio da qual vive (expressa), as inspirações que vive na alma por quanto vive e pode viver nesta estrada que percorre (vida); e como em sua consideração, cidadão do mundo, africano nascido em Angola. Masoji vive em Luanda, capital de Angola.

A POESIA

Não é uma
máquina robótica
Não é um coração
que se ergue
duro de pedra
Ela tem alma
Tem um coração de amor
até no cantar de um ódio
Sabe sorrisos
entre as lágrimas
E sabe lágrimas
entre os sorrisos
Sabe feliz à felicidade
E sabe alívio às dores
Vive sentimentos
E puras emoções.

Zé Franco 22.09.2020

Lareira vital
ventre de, e dos possíveis,
esquenta mornos e frígidos
se se comprazem, e partem por amor e amar
Esfria quente, esvaziando de cheios,
se se parte para lá de um amor,
por vingar e lacerar,
usufruindo desprazer,
ilusões à quem da poesia,
e só caprichosos.

Zé Franco 09.09.2020

NO COLO DO SEU SORRISO

Amena sombra ao cansaço de minha alma,
até na escuridão sem luz de acender
Brisas aos zéfiros do amor,
Perdidos num mar de fogo aceso sem paixão
Que canta e prenuncia a paz;
Trilhas às esperanças; um manto se frígida alma

Que trovador canta telepatia;
e que amo em mim
Fragrâncias ao adorno afável de poesia;
e que me faz desvarios sob a luz da razão
O cálice que faz ébrio um ódio, malfeliz e solidão
e deixa perdido ali, lá, nas avenidas de bem-fadados,
camaradagem, trilhas e claves à vida de poesia

Uns passos que só não encontro com os meus pés
Canções à lira de minha alma
O concreto do amor que declamam abstracto
Um sol às noites de lua e lua aos dias de sol

Candura que perdera de longínquo seu existir
Luzeiros de vaga-lumes
até na escuridão dos dias
Encontros de eu,
que num porto da solidão atracara um existir.

Zé Franco 08.01.2021



Poemas Novo estilo SPINA

SPINA (nova forma poética)

ANINHAMENTOS DA SUBJETIVIDADE

Celebro uma história

De impositivas concepções

Buscando minha liberdade.

No pensamento, tempo de desconstrução

Alicerce para alteridade, realidade, nova

Vivência derribando ilusão, oca verdade

O agasalhamento da robusta hipocrisia

Que roubava do conhecimento criticidade.

Ana Meireles

SPINA (nova forma poética)

PERPÉTUO PERGAMINHO

Aninho uns versos

Por dentro guardo-os

Com amor, carinho

Como presenças preciosas no coração

Onde adquirem asas, alimentam cantos

Vozes, alaridos, encantos de passarinho.
Que agiganta, torna grande, reverencia
Escritos de Amor, perpétuo pergaminho.

Ana Meireles

SPINA (nova forma poética)

VERSOS TRISTES

Perderam meus versos
Aquela pompa tola
Vazia, opaca alegria.

Tudo está vago, sem definição
Sem desejo, fome, qualquer incipiente
Intenção que costure esta sangria
Esta espécie de suspensão moral
Do ânimo, minha recatada alegria.

Ana Meireles

SPINA- NOVA FORMA POÉTICA

SAUDADE

Saudade significa mágoa,

Dor , tristeza solidão.

Coração transbordando amargura.

Um aperto, uma dor lancinante,

Com lembranças, que atrás ficaram.

Momentos repletos de alegria, ternura,

Vividos lá no distante passado,

São hoje, motivos de tortura.

Antonia Nery Vanti (Vyrena)

Direitos autorais reservados®

Spina- nova forma de poesia

VIAGEM DE VOLTA.

Vontade tenho de

Abraçar o vento,

Viajar ao passado.

Lá encontrar meus sonhos perdidos,

Que não realizei por receio

Ou, mesmo, por ter-me descuidado.

Matar um pouco a saudade,

Do que lá, deixei, guardado.

Antonia Nery Vanti (Vyrena)

Direitos autorais reservados®

SPINA- Nova modalidade de poesia

ETERNO

Surpresa, vejo-te surgir,

Majestoso no andar,

Tal príncipe encantado.

Sorriso na felicidade imensa, radiosa

De poder ter você aqui,

Meu amor, meu parceiro adorado,

que preenche minha vida solitária.

Você será meu eterno namorado.

Antonia Nery Vanti (Vyrena)

Direitos autorais reservados®

NOITE TECIDA NUM BAILE

Tecidos rodeiam noite,
aveludam corpos, donde
irrompem ares perfumados.

Rendas faceiras valsando entre cetins,
algoam unguidas vidas assim bailantes.
Lascivos gabardines, em passos tricotados,
esbarram sedentas sedas malhadas, macias,
entre recatados chitãos tão adorados.

LUZ INTEIRA

Percebo pujante amor,
íntimo aqui, não
porque eu queira!

Decerto, acolhido n' alma certa,
tua beleza faz-se nele magia.
Minha vida revela-se luz inteira
com essa força que refulge
em mim amando sem fronteira.

Antonio Queiroz

ACASALADOS BRAÇOS

Assisto teus passos,
em laços passeio,
sem embaraços, comungando

tua ínclita fé, ladeira galgando.

Em pés firmes, detenho, imperiosos,
teus braços gozosos me abrigando.

Alhures, chegamos em ávido ninho,
onde nosso carinho viverá acasalando.

Antonio Queiroz

RELIGIÃO

Religar meu divino

Com meu interno,

Sem uma ruptura.

Seja algum Deus, Buda, Oxalá,

Ser maior da nossa dimensão.

Conectar a áurea na estrutura

Muitas vezes sem uma forma,

Apenas sinais de uma fissura.

Artur José Carreira

LÂMINA

Riscando a pele,

Desenhando o ar.

Gesto de lassidão.

Cura feridas abertas sem razão

Atravéz do corpo, penetra alma.

São formas, brotam pela emoção

São flores colorindo pleno jardim.

Uma lança zunindo na imensidão!

Artur José Carreira

OBJETOS

Acima da bancada
São apenas peças,
Partes da memória.

Burrico tipo marionete, algo assim,
Carrega a infância pela imaginação.
Carrega fragmento de uma história,
Desenhos em papéis meio largados
Como escritas azul, minha trajetória.

Artur José Carreira

SPINA (Nova Forma Poética)

EMOÇÕES

Ouvindo canções românticas,
Ressurgem emoções, lembranças
Deixadas pelo caminho.

Como sobreviver a um passado
tão presente? Dando um abraço
Carregado de um imenso carinho.
Quero sua presença certa, constante,
Ficar livre de sentimento mesquinho.

Assma Gabriela

SPINA (Nova Forma Poética)

POETA ...

Compondo lindas músicas,

Escreveu belos versos.

Achou de poetar ...

Colocou sua alma no papel.

Extravasou sentimentos, emoções como nunca

fizera antes. Poder expor, contar

sem se sentir envergonhado, tímido.

Sentiu a alma se libertar.

Assma Gabriela

SPINA (Nova Forma Poética)

EU E A AMIGA INSATISFEITA

Vivência quase completa :

Luz na caminhada,

Embora rua estreita.

Pouco importam os outros pedestres.

Sua direção, planos, ideais delineados,

Nada impede sua jornada perfeita.

Gostaria de proporcionar intensa alegria,

À querida amiga, eterna insatisfeita.

Assma Gabriela

SPINA - NOVA FORMA POÉTICA

LEVEZA EM NÓS

Suave é viver...

só nós, sempre

plenos de amor!

Nas manhãs, regarmos o jardim,

amar as nossas rosas amarelas...

realidade tão assim, sem dor!

deitarmos aos pés da mangueira

bendito Sol a se pôr...

Beth Iacomini

SPINA – NOVA FORMA POÉTICA

ALINHAVO

Costurei com aço

Ferida exposta dolorida

Remendei coração rasgado

Agulha fina, fria, pontiaguda alinhava

Desesperada tenta consertar o amor;

Dolorido, inflamado em pus, largado

Suturei lentamente em pontos frouxos

Padeceu, na operação foi contaminado.

SPINA – NOVA FORMA POÉTICA

AMOR COVARDE

Cândido coração morrendo,

Renegado, faltou-lhe amor,

Foi correspondido devarde.

Fruto de um amor covarde,

— Amor desse jeito não quero —

Rezou: Deus me livre guarde.

Em prantos logo se suicidou,

Pela manhã, sem fazer alarde.

Calikcia Vaz

FIM DO AMOR

Espinhos na alma
Ferem o coração,
Trazem noites vazias...

Apatia, solidão, fim do amor,
Desilusão, dor, promessas não cumpridas.
As mágoas demarcam os dias,
A saudade palpita em lembranças,
O tempo esgota-se em melancolias.

Cleusa Piovesan

SONHOS COM BRILHO INCOMUM

Vivendo vou construir
Aquilo que imaginei;
Sonhando traço castelos.

Realizo fantasias, vivo aventuras mil.
Não são desejos capitalistas, ganância;
Meus sonhos têm tons amarelos
Têm forte brilho de alteridade
Formados de paz, amor, elos.

Cleusa Piovesan

CONTA-GOTAS

Idade: cronológica, mental,

Nada disso importa

Quando há vivacidade.

O tempo; cruel amigo traiçoeiro,

Engana muitos sem nenhuma veleidade.

Não importam as rugas no espelho

A marcar os dias, esvaindo-se,

Conta-gotas sempre a pingar eternidade!

Cleusa Piovesan

CARÊNCIA

Restrição. Quiçá censurando
Ganhe-se possível sensatez,
Tranquilidade de consciência

Visa gozo material, nossa mente,
Também fundar valores, criar paz
Destes, egóicos têm real carência
A mente controlam. Sim, mentem!
Restringe teu ego, logra decência!

Edilson Costa

EU POETA

Pensava fosse poeta,
Talvez um aprendiz...
Então, escrevia verso

Vejo que não sei poetizar
Escrever, talvez, eu até saiba
Frases, as rimas, até tergiverso!
Tornar agradável a quem lê...
Ser Poeta? Não. Só converso.

Edilson Costa

RELAÇÕES

Angústias lágrimas atraem
Prantos molham faces,
Pranteiam líquidos amores

Trôpegas relações as de hoje...
Baseiam-se em encontros tão banais,
Algumas em trocas de favores,
Sem vínculos, desfazem-se elas todas,
Quais pizzas de vários sabores.

Edilson Costa

SPINA

SEM RODEIOS

Delícia de noite
Você meu amor
Governou meus anseios,

Deixei-me levar ao infinito delírio,
Deslizei atrevida, carente, teu corpo.
Carícias mil, servem loucos devaneios.
Furtamos horas, dias, nos amando,
Castramos pudores, amando sem rodeios.

EDITH VARGAS 18/01/2021

SPINA

CORAÇÃO BATUCOU.

Sambando fiz-me feliz,
Batuquei no compasso,
Cuíca, chorou carnaval,

Onde folião, expressa seu eu
Puro, supremo, absoluto, extrema alegria.
Ninguém precisa licença, exorcisa aval,
Rebola, sacode sofrência, destila prazer.
Despreende da terra assume-se vendaval.

EDITH VARGAS 14/01/2021

SPINA

TE AMAR

Sonhava te abraçar,
Beijar infinitas vezes,
Ouvir murmúrios gentis,

Sentir meu corpo impregnar você,
De amor procurando saciar desejos,
Lampejos vitais, faz navegar feliz.
Ideias, risadas de íntimos encontros,
Comunga, amar, saborear, como condiz.

EDITH VARGAS 11/01/2021

SPINA (Nova Forma Poética)

RIACHO DOCE

Riacho doce deslumbre

Cobrem meus pés,

Acordam ternos sentimentos.

Águas tranquilas navegam sobre folhas
verdes, molhadas roçando meu corpo.

Satisfaz a alma e pensamentos

de outrora, que marcam sonhos.

Da Aurora Boreal, sem lamentos.

Marilice Cavalli de Oliveira

Araçatuba

Estado de São Paulo

SPINA (Nova Forma Poética)

PALAVRAS SÃO CANTOS

Palavras, queres falar

Entoe belo canto,

Fale lindamente contigo.

Cante alto, sons musicais sorrindo,

Ouvirás ecos ecoando seus cantares.

Não é loucura seja amigo
Não se cale no silêncio,
Sua voz suavemente viverá comigo.

Marilice Cavalli de Oliveira
Araçatuba
Estado de São Paulo

SPINA (Nova Forma Poética)

MENINA RITA

Menina, doce Rita
Correndo entre flores
Do seu jardim,

Sorria junto a lagoa azul.
Borboletas dançantes extasiavam seu olhar.
Aromas no canteiro de alecrim,
Vestido de fitas e algodão.
Sonhos de menina, sem fim.

Marilice Cavalli de Oliveira
Araçatuba
Estado de São Paulo

Spina (Nova Forma Poética)

“EM CASA”

Tristeza, dor, alegria
num bem, noutra
mal, definem vida.

Casa sem luz. Trevas, solidão
brilha que nem trilha, andejo
Livro aberto, página não lida.
Nesta melancolia da alma...riso:
música, poesia, suturo minha ferida.

.....
Mbiyavanga Manuel Pedro Mpuza
Técnico Médio de Gestão Empresarial

.
Direitos editoriais reservados
Cidade: Luanda
País: Angola

Spina (Nova Forma Poética)

“SEM REGRAS”

Gostara dessa jovem
também daquela outra
Que nunca amei.

Sou humano, não lhes usei;
O amor é uma doença!
À minha namorada me entreguei.
É lícito viver. Se amar
é pecado? Eu não sei.

.....
Mbiyavanga Manuel Pedro Mpuza
Técnico Médio de Gestão Empresarial
Cidade: Luanda
País: Angola

SPINA – Nova Forma Poética

AO LER BARDO DO AVON

Ainda ouço aqui
o contínuo bater
rápido do meu

coração a pelejar compreender como
Romeu Montéquio, em Julieta Capuleto,
desadormeceu faustoso amor que viveu
por alígeras pombas acompanhadas do
Cupido. Tragédia, Shakespeare, aqui eu.

(Prof.^a Ray Martins)

SPINA - Nova Forma Poética

AO BRUXO DO COSME VELHO

Machado de Assis,
carioca do Morro,
Febo da Literatura.

Negro, poeta, romancista, cronista, contista,
folhetinista, jornalista, crítico literário; Bruxo.
Bento, Capitu, Quincas, Helena: conjectura.
Bacamarte, Arminda, Deolindo, Vilela, Rita:
digressão, recordação, reflexão. Ah, rutura!

(Prof.^a Ray Martins)

AO DANTE NEGRO

Turbilhão de sonho
branco, raro, pálido:
João (Cruz) Sousa.

Broquéis, Missal, Outras Evocações, Faróis:
incensos olentes desataram em venustidade.
Formas vieram desanuviadas, branca ousa,
de Baudelaire, Antero, Junqueiro. Simbolista
negro, sinestésico, iluminuras, (Cruz) Sousa!

(Prof.^a Ray Martins)

Professora Raymara Martins de Sousa Carvalho (@prof_ray_martins)

Professora (Deuzuíta Pereira de Queirós, Presidente Tancredo Neves e FESAR)

Mestre em Ciências e Meio Ambiente (UFPA)

Graduada em Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa (UEPA) com complemento em Pedagogia (FAEL)

Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (FAEL) e Psicopedagogia Institucional (FAEL)

Especializando em Educação e Direito (UNINTER) e Docência do Ensino Superior (FESAR)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1722873266399223>

MEU PRIMEIRO “SPINA”

Tentarei fazer versos,
dessa forma poética:
Spina é denominada.
É novidade, não sei nada!

Desejo fazer, aprender muito bem!
Até minha alma ficar apaixonada.
Fico feliz por esta oportunidade.
Amada família poética, sintam-se abraçada!

Ricky Mágico / 30.01.2021

RONNALDO

Parabéns, amigo Ronnaldo
Pelas instruções passadas
Foi ótimo ouvi-lo!

Sobre Spina, seu poético estilo
Estou aqui, para tentar fazer
Sua linda aula, tudo aquilo!
Também pra muito agradecer você
Spina, vamos fazer... Sem vacilo!

Ricky Mágico / 01.02.2021

VALORES

Valores na vida.

Da alma, tesouro:

Verdade, humildade, bondade

Paz, alegria, altruísmo, fé, lealdade

Estas virtudes, têm íntegros cidadãos

Nossas vidas devem ter felicidade

Feliz eu, feliz você... todos!

Ser feliz, só em pluralidade

Ricky Mágico / 02.02.2021

DIAS DE VERÃO

Quimeras fazem festa

Gaiotas bailam felizes

Sonhos riscam horizontes.

Sóis, luas, alvoradas cantam sinfonias

Corro por entre coqueiros alados

Agitando nuvens furta-cores nos montes.

Girassóis fitam meus olhos incrédulos

Águas marinhas jorram nas fontes.

ESCREVIVÊNCIAS

Escrevo páginas inteiras

Suor, sal, lágrimas

Trazem ventos passados.

Versos, rimas, alegorias dançam livres

Querubins, cotovias, violas beijam pontes

Irreverentes, criam asas como namorados

Brincam, fazem de conta, sonham

Meus eus, felizes, riem apaixonados.

Rita Queiroz

DIAS MOMESCOS

Confetes, serpentinas, purpurinas

Solares, alegres fantasias

Testemunhas esquecem lua.

Sonhos vibram em alta tensão

Em cada esquina, corações perdidos

Pés solitários caminham na rua.

Festa, ilusão, tudo vira cinza

Rostos pintados escondem alma nua.

Rita Queiroz

Natural de Salvador – BA. Professora universitária, filóloga, poeta. Autora de 5 livros de poemas para o público adulto e 5 livros para o público infantojuvenil; organizadora de 8 coletâneas. Integra os seguintes coletivos: “Confraria Poética Feminina”, “Mulherio das Letras” e “Coletivo de autoras de literatura infantojuvenil da Bahia”; além de fazer parte das seguintes academias: AVAL, AILB e ACILBRAS.

UM DIA FOMOS PRIMAVERA

Saltita minh'alma
abrindo meu peito
completo de tédio.

Sinto-me imóvel, preso às lembranças
primaveris; olhos fitando uma imagem
desértica, truculenta, vítima do assédio
de minhas expectativas, talvez, infantis,
causando esse presságio sem remédio.

*

MANAUS (6x13)

Lamento essa tristeza,
as lágrimas constantes,
tanto adeus prematuro!

Lamento sonho desfeito, sentimento impuro,
essas indignações, excessos de desesperos
compreensíveis; aquele olhar seco, inseguro.
Oferto-lhe meus sinceros pêsames, Manaus,
compadeço-me com suas amarguras — juro!

*

Ronaldo de Andrade, criador do SPINA. São Paulo, SP.

APRISIONADO NOS TEUS ENCANTOS

Chegaste linda, faceira,
despretensiosa, eu sei,
revestindo-me com luz.

Abri os braços, coração; acolhi-te
como és, minha admirável paixão.
Deixei acontecer! Nunca me impus
contra esse sentimento que segue
pregando-me, como Cristo, à cruz.

Ronnaldo de Andrade, criador do SPINA. São Paulo, SP.

SPINA (Nova Forma Poética)

AJURU (A)MAR:
CÉU DE ENCANTOS

Pequeno, imenso mar.
Florescências de ajirús;
sonho, céu, rouxinol.

Sedução, magia, aconchego. Na misteriosa
barca, antigo esconderijo, aonde amantes,
experimentam sabores; brincam sob arrebol.
Absorvem frescor das loucas madrugadas;
Festejam passaradas, vislumbrando o farol.

Rose Rosário

SPINA(nova forma poética)

INVENÇÃO DE ENCANTO

Caminho. Percorro velas,
becos, lonjuras inquietas;
festejo entrega ardente.

Sonhos deslizam num espiral envolvente.
Embaló minha alma, inventando encantos;
desejando beijos, elos, encontro premente.
Brilho ofuscado perdas; pelejas sagrentas,
sentimentos guardados, na situação vigente.

Rose Rosário

SPINA (Nova Forma Poética)
SUA MORADA SEMPRE FOI MEU CORAÇÃO

Encanto, força brilhante
Vibração tanta, naquele
Todo; enquanto ilumina...

Sentimento norteia-me desde menina,
Tua luz apropriou-se iluminando ser,
Retirando escamas de minha retina.
Ainda que percorra caminhos tortos
Fica contigo, minha alma pequenina.

Rose Rosário

CASULO

Dormitei na lua
só, crua, legível,
uma dama pura.

Todos os dias me refaço
em metáforas, sou a vida
em flor, meu poema cura.
Renasço no jardim da dor
sorrio a sós essa loucura.

- Solange Colombara -
5x8

O CANTO DA SEREIA

Intenso como vento,
marcante como fogo,
límpido como chuva.

Tem o dom da leveza
na voz, com doce paz,
na alma de uma viúva.
Servo de um ar macio,
que cai qual uma luva.

- Solange Colombara -
6x6

DESAPEGO

Mesmices de outrora
voltam sem vergonha
em ocasos pálidos

apreciados em momentos lúcidos, válidos.
Em refrescantes sentimentos banais elevo
minha saudade oferecendo rigores cálidos.
Sem escárnio transparente reconstruí elos,
conciliei com fingidos semblantes inválidos.

- Solange Colombara -

5x13

ALMA CONTRITA

Devota a alma

Em fervorosa prece

Pesarosa, penitente roga

Coração humilde, sem descanso vaga

Sem titubear o perdão implora

Descortinada consciência, eterna luz arroga

Passos trôpegos, caminho estreito escolhe

Deus, vendo contrição, punição revoga.

Vera Marta Reis

SEIS DE JANEIRO

CHEGADA DA BANDEIRA

Chegada em janeiro

Companhia de Reis

A estrela-guia anuncia.

Vindo na plenitude dos tempos

Escolhido, Salvador, Rei, Deus amado

O pobre menino Jesus nascia

Rodeavam animais, numa humilde manjedoura

Para que cumprisse a profecia.

Vera Marta Reis

DEVOÇÃO

Celebre a vida

Início de ano

Em silente oração

Branco translúcido, que lhe concerne

Transparecer na alma o crer

Servindo a Deus de coração

Sem ter receio de represálias

Ao ver notória a devoção.

Vera Marta Reis



Biografia do fotógrafo desta edição

Cícero Batista de Oliveira Júnior, potiguar, 52 anos, graduado em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, atua como fotojornalista desde 2006. Possui experiência também em fotodocumentarismo, fotografia publicitária, e como professor de fotografia, tendo trabalhado como instrutor no Pronatec, Universidade Câmara Cascudo, Universidade Potiguar e atualmente na UFRN. É um dos autores do livro Hora Imortal – UFRN Contemporânea.

Expediente

Revista Barbante
Ano IX - Nº 34 - 28 de fevereiro de 2020 - Volume II
ISSN 2238-1414

09 anos da revista Barbante

Editores

Rosângela Trajano
Christina Ramalho
Ítalo de Melo Ramalho

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Juli Lima
Sandra Erickson
Sylvia Cyntrão
Samuel de Mattos

Ilustrações desta edição

Christina Ramalho

Diagramação

Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade
dos autores.

